

CLÁUDIA NATIVIDADE FELIPE

**MASCULINIDADE(S) EM FOCO:
CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE IDENTIDADE DE
GÊNERO SOCIAL**

CLÁUDIA NATIVIDADE FELIPE

**MASCULINIDADE(S) EM FOCO:
CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE IDENTIDADE DE
GÊNERO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Lingüísticos, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2006

Dissertação defendida e aprovada em 09 de agosto de 2006 pela banca examinadora constituída pelas professoras

Profa. Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta – UFMG – Orientadora

Profa. Dra. Izabella Rohlfs Barbosa – Universidad de Girona

Profa. Dra. Leila Bárbara – PUC São Paulo

Prof. Fábio Alves
Coordenador do curso de Pós-graduação
Em letras – Estudo Lingüísticos
FALE/UFMG

Belo Horizonte, 09 de agosto de 2006.

Com amor, dedico a Ian.

AGRADECIMENTOS

São muitos os agradecimentos. Primeiro à minha família sempre tão presente. À minha mãe, Cintinha, que fez todo o trabalho invisível – não aos meus olhos é claro – de cuidar da casa, cozinhar, comprar o pão, lavar o uniforme do meu filho, ficar com ele quando precisei de me ausentar tantas vezes. Se não fosse ela, eu não conseguiria fazer este trabalho que demanda tanto tempo. Ao meu pai, por tudo que me ensinou. A ser justa e ponderada. À minha irmã, Ana Paula, minha companheira de todas as horas. Pelas longas conversas, pelas risadas, pelo apoio constante. Napinha, sou sua fã. À minha irmã, Ana Cristina, que, mesmo morando tão longe, participa da vida de família tão de perto. Obrigada, Cris, pelo carinho e pelos livros que você me enviou, valeu! À Hannah, minha adorável sobrinha, que sempre chega perto de mim quando estou no computador, convidando-me para brincar, e, quando digo que não posso, ela argumenta que eu posso ficar sentada mesmo. Brincamos de imaginar. Ela pega um papel e diz que é a garçonete e que posso fazer os pedidos que ela vai anotar. É maravilhoso ver uma garotinha de 5 anos aprendendo a ler e escrever.

Ao Chafith, pai do Ian, agora um grande amigo e carinhoso pai. Sempre presente.

A Ricardo Augusto de Souza pelo grande incentivo para que eu fizesse esta pesquisa e pela entusiasmada torcida.

Agora agradeço os encontros que tive neste percurso de mestrado.

Às professoras Célia Magalhães e Adriana Pagano, por tudo que me ensinaram.

Ao Professor Renarde Freire Nobre, da FAFICH, pelo carinho e total disponibilidade de conversar sobre meu trabalho por diversas vezes. Mestre de coração gentil.

Aos meus colegas que tanto me apoiaram, Paulo Henrique Caetano, que me deu o primeiro abraço de parabéns quando soube que eu havia passado na seleção do mestrado. A Adail Sebastião, pelas conversas e pelos livros que me emprestou. A Viviane Seabra, pela doçura cativante.

Separo aqui uma turma de mulheres absolutamente sensacionais que conheci na UFMG: Nair Prata, mulher impossível e de quem tenho muita saudade, principalmente das risadas. Mônica Guimarães, Moniquita, que é linda e doce. À Sidnei Cursino, uma das primeiras pessoas que conheci. Pessoa delicada e amiga. Carolina Santana, com uma energia fora do comum e que contagia a todos. À Maria Palácios, pela hospitalidade incondicional.

Vânia de Souza é um caso à parte. Desde o primeiro momento em que nos vimos, nunca mais paramos de trocar boas risadas. Companheira, amiga, cúmplice como quase nunca se tem. Posso chorar na frente dela quando quiser. Ao Joni Bezerra, companheiro da Vaninha, adoro o jeito tantan dele. Quem o conhece sabe do que falo.

Aos amigos de longa data. Minhas companheiras do Instituto Albam, Fátima Pessali, Luciene Melo, Luci Diniz e Rebeca Rohlfs. Relacionamento de irmãs e um profundo sentimento de proteção. Muitas vezes, precisei de todas, e sempre me apoiaram. Especial agradecimento à Rebeca, que coordenou o grupo que deu origem aos dados desta pesquisa. Preciosa pessoa que quero ter sempre ao meu lado.

Ao Cássio e à Aline, que, por tantas vezes, ficaram com Ian no final de semana para que eu pudesse estudar. Cássio, amigo de adolescência, sempre carinhoso e presente. Ao Anderson Funghi, também amigo de adolescência pela ajuda com o trabalho gráfico da dissertação, pelos conselhos quase sempre incomodativos de serem ouvidos, mas de grande valia. Pelo carinho, generosidade e dedicação.

À Cristina Leão, pelas longas, longas conversas sobre o tema do meu trabalho e tantos outros assuntos. Pela ajuda para elaborar tantas idéias e conectar teoria com prática. A Antônio Costa, meu companheiro de trabalho. Pelas reveladoras conversas sobre gênero que pode haver entre uma feminista e um homem sensível. À Márcia Clarindo, pelas confidências.

Ao grupo de mulheres Baubo, pelas festas que fizemos e pelas piadas que contamos. Pura energia positiva.

Aos meus pacientes, que sempre ficaram disponíveis a tantas mudanças de horário, durante este período de desenvolvimento da pesquisa

À Lindinha, cachorrinha do Ian, minha companheira de leitura, principalmente se for em cima da cama.

À Izabella Rohlfs, por tudo que me ensinou sobre gênero e pela generosidade em contribuir sempre com meu trabalho e de minhas companheira do Albam.

Ao final, minha grande admiração pelo Ian, querido filho. Pelas broncas que ele me deu para que eu saísse da frente do computador para dar um beijo nele. Pelos abraços no corredor quando eu ia e ele vinha. Pelos sorrisos de menino que tanto gosto, pelas piadas e pelas preces que ele faz todas as noites. Ian, pode falar para Deus que eu terminei o trabalho que você tanto pediu para finalizar. Agora vamos balançar na rede, andar pela rua displicentemente, dormir até tarde, viajar, beijar e abraçar toda hora.

Ah! não posso deixar de lembrar daquela voz interior que me perturbou durante tanto tempo dizendo que o meu trabalho era ruim e medíocre. Nem sei se ela tem razão, só sei que ela deu uma trégua no final.

RESUMO

Nesta pesquisa de mestrado de cunho etnográfico investigam-se os discursos sobre a(s) masculinidade(s) como construções representacionais, relacionais e práticas da identidade dos homens. O ponto central é a construção discursiva sobre a(s) masculinidade(s) não como uma identidade pessoal, mas como uma construção semiótica que diz simultaneamente de um lugar nas relações de gênero, a prática através da qual homens e mulheres se comprometem com este lugar e os efeitos destas práticas nas experiências corporificadas, na subjetividade e na cultura. O discurso será investigado a partir da Linguística Sistêmico Funcional (HALLIDAY, 1973, 1986, 1994, 2004; EGGINS, 1994, 2004), e da teoria da multimodalidade (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996, 2001). Analisam-se as escolhas lexicais dos sujeitos da pesquisa, bem como os recursos semióticos utilizados por eles para representar a identidade masculina. A coleta de dados se deu entre adolescentes e adultos jovens dos sexos feminino e masculino, através da composição de grupo focal para discutir “o que é ser homem” e “o que é ser mulher”. Os dados foram registrados em fita VHS e transcritos. O objetivo é analisar como os participantes apresentam e negociam discursivamente suas identidades mapeando quais representações as definem e como compõem um sistema ideológico e político dando origem à Análise Crítica do Discurso, assim, uma análise crítica do discurso. Os resultados das análises demonstram que os discursos sobre a(s) masculinidade(s) indicam algumas mudanças nas relações de poder entre os gêneros e, em alguns pontos, se mantêm hierarquicamente organizados.

ABSTRACT

This research examines discourses about masculinity(ies) as representative, relational, and male social practices constructions. Its main focus is the discursive construction of masculinity(ies) not as a personal identity, but as a semiotic construction that is simultaneously related with a place in gender relations, the practices through which men and women engage that place in gender, and the effects of these practices in bodily experiences, subjectivity and culture. The discourse is investigated from the perspectives of the Systemic Functional Linguistic (HALLIDAY, 1973, 1986, 1994, 2004; EGGINS, 1994, 2004), and the Theory of Multimodality (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996, 2001). It is analyzed the lexical choices and the semiotic resources used by the participants to represent the male identity. The data was collected from a group of adolescents and young adults, male and female, which attended a group discussion in which they were asked to discuss the meanings of “what a man is” and “what a woman is”. Data was registered in VHS tape, and it was transcribed from it. Its goal is to analyze how the participants show and negotiate their identities in the discourse, which representations define their identities, and how they are articulated in an ideological and political system, according to Critical Discourse Analysis. The results of the analyzes show that discourses about masculinity(ies) reveal some changes between gender power relations, but in some other points they are yet organized hierarchically.

LISTA DE QUADROS

1 -truções teóricas	41
2 - Tipos de relações lexicais	43
3 - Modos semióticos utilizados pelos homens	79
4 - Modos semióticos utilizados pelas mulheres	79
5 - Escolhas lexicais usadas pelas mulheres	79
6 - Escolhas lexicais das mulheres e modos semióticos usados pelos homens	80
7 - Escolhas utilizadas pelas mulheres	81
8 - Escolhas utilizadas pelos homens	81
9 - Principais modos semióticos utilizados pelos homens	83
10 - Escolhas lexicais utilizadas pelas mulheres	84
11 - <i>Design</i> geral	85
12 - Escolhas utilizadas pelas mulheres	87
13 - Modos semióticos utilizados pelos homens	89
14 - Escolhas lexicais utilizadas pelos homens	90
15 - <i>Design</i> geral da interação	92
16 - Escolhas de Participantes utilizadas pelos homens	94
17 - Modos semióticos mais relevantes utilizados pelos homens	105
18 - <i>Design</i> geral da interação	108
19- Escolhas utilizadas pelas mulheres	110
20- Escolhas utilizadas pelos homens	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – ESTUDOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS	15
1.1 - A semiótica social	15
1.2 - Semiose e a dinâmica social	20
1.3 - Discurso, identidade e representação	22
1.4 - Discurso, ideologia e poder	29
1.5 - Linguística sistêmico-funcional	33
1.6 - Texto e logogênese	35
1.6.1 - Coesão textual e semântica discursiva	37
1.6.2 - Relações lexicais	39
1.7 - Gramática do <i>design</i> visual	45
1.7.1 - Representação e interação: o olhar e os gestos	47
CAPÍTULO 2 – ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE E GÊNERO	49
2.1 - Identidade e modernidade	49
2.2 - Conseqüências da modernidade	52
2.2.1 - Cultura, globalização e pós-modernidade	54
2.2.2 - O feminino no espaço histórico da modernidade	56
2.3 - Conceito de gênero	58
2.4 - Identidade masculina e movimentos da masculinidade	63
2.4.1 - Desenvolvimento do conceito de masculinidade e a pesquisa social	66
2.4.2 – Relações e práticas envolvidas na construção social da masculinidade	69
CAPÍTULO 3 –ANÁLISE DOS DADOS	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
ANEXO 1- CÓDIGOS UTILIZADOS NA TRANSCRIÇÃO DAS CONVERSAS	123

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu de minha prática profissional relacionada com intervenções psicossociais em comunidades a partir do Instituto Albam, ONG na qual trabalho. Neste campo de intervenções, as relações entre as pessoas, a *performance* de suas identidades sociais, as representações do gênero¹ e as negociações de poder imbricado neste sistema de relacionamento chamam-me a atenção e são alvos de minha pesquisa. Tal problemática relacional, identitária e representacional será abordada aqui como forma de construção social e historicamente localizada, compondo um contexto ideológico e político. Entendendo a linguagem como fundamental para se estudar qualquer atividade humana por estar relacionada com a veiculação de valores e a constituição de identidades sociais, investigarei os fenômenos acima citados a partir do escopo teórico da Semiótica Social e da Análise Crítica do Discurso.

A pesquisa relacionada com as identidades sociais traz uma complexidade de assuntos a serem tratados. A constituição da identidade é um processo com diversas dimensões (física, emocional, cognitiva, moral e social). Ela se dá através de um trabalho “interior”, a partir da economia psíquica do sujeito, e de um trabalho “exterior” a partir da relação do sujeito com seu meio sócio-histórico. Nesta pesquisa, abordarei a construção social da identidade situando-a como um fenômeno pós-moderno e, acima de tudo, com um caráter performativo. Procurando delimitar o tema, investigo as representações geradas em um grupo focal que jovens provenientes de uma comunidade economicamente desfavorecida fazem do gênero social. A investigação se deterá mais especificamente na forma como as identidades sociais masculinas são representadas e

¹ Durante toda a dissertação usarei o termo gênero (do inglês *gender*), com referência à construção social das identidades. Ele difere radicalmente do termo gênero (do inglês *genre*), utilizado nos estudos lingüísticos que se refere a gênero textual.

negociadas discursivamente. O objetivo é investigar como as escolhas lexicais e outros recursos semióticos, tais como olhar e gestos, conjugam-se em arranjos semióticos e produzem significados potenciais envolvidos na construção do gênero social. É objetivo também identificar quais arranjos semióticos podem indicar a existência ou não de mudanças de poder na construção da identidade masculina.

Entender a construção da identidade como um fenômeno pós-moderno (GIDDENS, 1992, 2002; HALL, 1995) e performativo (BUTLER, 1990, 1993) coloca-nos diante da possibilidade de fazer uma análise de processos macrossociais e das negociações implicadas nas esferas da intimidade. Minha pesquisa se direciona, assim, para a investigação dos pontos de negociação relacionados à identidade social, indagando quais podem ser representativos de mudanças e quais permanecem com poucas alterações especialmente se investigados nos contextos de poder, ideológico e político. Cabe mesmo perguntar quais mudanças podem ser entendidas como processuais e sistemáticas dos campos de poder delimitados a homens e mulheres.²

Esta pesquisa pretende investigar o relacionamento social a partir da linguagem. Então pensamos inevitavelmente que a linguagem é um fenômeno social, mais especificamente, um tipo de comportamento social que tem a função de comunicar algo e, para isso, opera dentro do sistema de interação humana. A linguagem pode significar, ou dito de outra forma, ela pode fazer, ou seja, quando escolhemos significados o fazemos pautados no que consideramos ser mais apto e plausível naquele momento e naquela cultura. Entendemos, então, que o uso da linguagem está conectado com o contexto na qual ela se opera.

² Quando me refiro a masculinidades e feminilidades considero a construção do gênero social de forma múltipla e relacional, ou seja, com interfaces de classe social, sexualidade, raça, etnia, nacionalidade, etc. No entanto, neste trabalho não tratarei a análise de classe, raça, etnia, por razões práticas de delimitação do arcabouço teórico dentro do contexto da pesquisa de mestrado.

O significado potencial da comunicação — entendido a partir da máxima poder significar = poder fazer quando traduzido pela linguagem — será investigado a partir das escolhas lexicais dos participantes da pesquisa conjugadas com os modos semióticos mais expressivos no momento da comunicação (olhar, gestos, sorrisos, etc.). Os significados que operamos em uma interação, sejam eles palavras, gestos ou olhares (ou qualquer outro recurso semiótico), são conteúdos profundamente políticos, na medida em que são formas que se encontram o tempo todo organizadas por nossos relacionamentos sociais. Eles dizem de nós como indivíduos e também como membros de grupos sociais.

O processo de semiose humana, ou seja, a produção, reprodução e circulação de significados moldados de várias formas e operados por atores sociais, supõe o entendimento de que toda a comunicação é um ir e vir, uma tessitura de significados que são operadas no nível do discurso. Discurso é entendido aqui, a partir de Kress e Van Leeuwen (2001), como o conjunto de conhecimentos socialmente construídos sobre algum aspecto da realidade. Nesse sentido, cabe investigar os discursos sobre a masculinidade veiculados pelos participantes da pesquisa e quais as interfaces deles com os sistemas de poder, ideológico e político que moldam as construções sociais de gênero.

Esta pesquisa qualitativa e de cunho etnográfico é realizada a partir de um *corpus* oral coletado em um grupo focal, no qual os sujeitos foram convidados a discutir sobre “o que é ser homem” e “o que é ser mulher”, construindo livremente as representações discursivas sobre a identidade social de gênero. Para a análise, foram utilizados como arcabouço teórico: 1) os estudos da linguagem (HALLIDAY, 1973, 1986, 1994, 2004) e mais especificamente a análise textual a partir das escolhas lexicais (EGGINS, 1994); a Análise Crítica do Discurso e a Semiótica Social através da teoria

da multimodalidade (HODGE e KRESS, 1988; KRESS, 1989; KRESS e VAN LEEUWEN, 1996, 2001); 2) os estudos de gênero social (BUTLER, 1990, 1993; SCOTT, 1995); 3) e os estudos relacionados à construção da masculinidade (CONNELL, 2005; MENDEZ, 1996; NOLASCO, 1993). A análise seguirá dois momentos diferentes: microanálise e macroanálise. Na microanálise, a análise textual será feita de três maneiras: 1) através da lingüística sistêmico-funcional, partindo das escolhas lexicais que os falantes fazem para representar a identidade masculina; 2) através da gramática do *design* visual e da multimodalidade, levando em conta as categorias do olhar e os gestos; e 3) através do arranjo de Participantes no discurso. Partindo da análise textual, a macroanálise tem o objetivo de interpretar os arranjos semióticos envolvidos na interação e mostrar como eles representam determinadas construções de gênero com maiores ou menores jogos de poder compondo, assim, a Análise Crítica do Discurso.

CAPÍTULO 1

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS-DISCURSIVOS

1.1 A semiótica social

Três escolas de semiótica marcaram a história do desenvolvimento desta teoria. A primeira foi a Escola de Praga, que nos anos 1930 e início dos anos 1940 desenvolveu a base lingüística a partir dos formalistas russos. A segunda foi a Escola de Paris, que nos anos 1960 e 1970 desenvolveu nomenclaturas teóricas que utilizamos freqüentemente, tais como: significante e significado, arbitrário e motivado, eixo sintagmático e paradigmático, etc. A terceira escola, chamada semiótica social, começou na Austrália e foi influenciada pelas idéias de Michael Halliday e, conseqüentemente, pela Lingüística Sistêmico-Funcional.

A terceira escola de semiótica marca uma nova fase de estudos, porque entende o processo de significação como parte da construção social. Para Hodge e Kress, a semiótica é “o estudo da semiose; os processos e efeitos da produção, reprodução e circulação de significados em todas as formas, usados por todos os tipos de agentes da comunicação” (1988, p. 261). A semiótica social tem a ver com a semiose³ humana como um fenômeno social em suas origens, funções, contexto e efeitos. Ela abarca “os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana” (HODGE e KRESS, 1988, p. 261).


O ponto central da semiótica é a noção de signo, e, para a semiótica social, a ênfase recai sobre o processo de produção do signo. Isto significa que o signo não é uma conjunção preexistente de significante e significado que deve ser reconhecido e

³“Semiótica como adjetivo se refere à extensão dos objetos em estudo enquanto semiose se refere especificamente ao processo” (HODGE e KRESS, 1988, p. 261)

utilizado em bloco, da forma como a semiologia tradicionalmente o trata, mas como um processo de produção sígnica no qual os estratos de significante e significado podem ser tratados de forma relativamente independente um do outro. Isto porque a produção sígnica é uma ação social que pressupõe um uso específico em um contexto específico.

A análise dos processos semióticos pressupõe também o entendimento do que seja mensagem, ato semiótico e texto. Para Hodge e Kress, “a mensagem tem direcionalidade – ela tem uma origem e uma meta, um contexto social e um objetivo” (1988, p. 5). A mensagem é orientada pelo processo semiótico, ou seja, o processo social no qual o significado é estruturado e trocado. Os autores referem-se a este plano como semiósico. Em outro plano – plano mimético –, a mensagem funciona como representação, ou seja, ela diz sobre algo que supostamente existe fora dela. O significado deriva da função representativa ou mimética que a mensagem desempenha como também do processo social no qual ocorre.

Hodge e Kress (1988) comentam que o a semiose não pode ser definida como a acumulação de mensagens, pois há um movimento de ir e vir entre os participantes no ato semiótico, ou seja, uma tessitura de significados na qual o texto e o discurso estão incluídos. Esses autores utilizam o conceito de texto⁴ de forma extensa, referindo-se à “estrutura da mensagem ou traço de mensagem que tem unidade socialmente atribuída” (Hodge e Kress, 1988, p. 6). O nível do discurso relaciona-se ao processo social no qual o texto está mergulhado. Assim, o texto tem sua orientação primária ligada ao plano mimético, enquanto o discurso relaciona-se ao plano semiósico.

Texto  plano mimético

Discurso  plano semiósico

⁴ Outros conceitos de texto serão abordados no tópico 1.5.

Para a semiótica social, dois níveis são particularmente importantes: a representação e a comunicação. No nível da representação, ocorre um complexo processo de produção, na medida em que este último pode ser considerado como o resultado da história cultural, social e psicológica de quem produz o signo. Para Kress e Van Leeuwen (1996, p. 6) representação é

um processo no qual o produtor de um signo, seja adulto ou criança, tenta fazer a representação de algum objeto ou entidade seja ele físico ou semiótico, e no qual o seu interesse naquele objeto no ponto de fazer a representação é complexo e acontece conectado com a história cultural, social e psicológica do produtor do signo e focalizado pelo contexto específico no qual o signo é produzido.

Para estes autores, o interesse guia a seleção, ou seja, a escolha de uma representação é pautada por um aspecto suficientemente representativo do objeto em um dado contexto. Ao escolher uma representação, o ator social o faz com referência ao que no seu entendimento pode ser considerado o modo mais apto e plausível naquele contexto e naquela cultura. Assim, o processo de representação nunca pode ser considerado como o objeto em si, mas como um aspecto do que é representado.

Kress e Van Leeuwen (1996) comentam que o processo de produção sígnica se configura como a constituição de uma metáfora de duas formas distintas e complementares: analógica e classificatória. Analisando o desenho de uma criança de 3 anos que representava um carro como uma série de círculos, Kress e Van Leeuwen (1996) argumentam que tal representação foi possível porque um “carro” (brinquedo comum do ambiente infantil) tem “rodas” que são “círculos”, sendo que a primeira operação a ser identificada neste contexto é analógica (carro = rodas) e a segunda é classificatória (rodas = círculos). O signo resulta então do duplo processo metafórico no qual a analogia é o princípio constitutivo e também o próprio processo de classificação. Isto demonstra o caráter motivado do signo, que é formulado em relação à produção

sígnica, e o contexto no qual esta operação se processa, deve ser considerado de fundamental importância, pois os atores sociais utilizam diversas formas que consideram adequadas para expressar os sentidos que desejam.

O outro nível a ser considerado além da representação é o da comunicação. Se os atores sociais escolhem para representar — seguindo a sua motivação — o que consideram a forma mais apta e plausível, podemos entender que eles o fazem para que a mensagem seja entendida no contexto em que ela acontece. As escolhas, isto é, as formas de expressão dos atores sociais são ativadas a partir do que eles consideram ser mais transparente naquele contexto e naquela cultura.

Kress e Van Leeuwen definem comunicação como “um processo no qual um produto ou evento semiótico é ao mesmo tempo articulado ou produzido e interpretado ou usado” (2001, p. 20). Neste modelo em que a articulação e a interpretação se conjugam, estes autores argumentam que a comunicação depende da “comunidade interpretativa” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 8), ou seja, é necessário que o interpretante tenha conhecimento semiótico para entender uma mensagem. A comunicação não acontece somente no pólo do produtor, mas depende também do interpretante, assim, podemos entender que a estrutura social está inevitavelmente presente na comunicação. Vista desta forma, a comunicação estará também marcada pelas relações de poder, e isto afeta as escolhas e as expressões das quais cada ator social lançará mão para que a comunicação seja mais transparente naquele contexto.

Perceber os níveis da representação e da comunicação envolvidos na semiose humana é o que permite delinear a agenda da multimodalidade na qual o foco se direciona para as práticas e o uso dos recursos semióticos envolvidos na produção do significado. A noção de recurso não supõe entidades fixas e estáveis, mas, ao contrário, vê a formação de significados de forma dinâmica e com múltiplas articulações. A idéia

de potencial, ou seja, o que pode ser significado e como pode ser dito (e por qual meio), é o que subjaz à noção de recurso semiótico.

Para Kress e Van Leeuwen (2001) há 4 domínios de prática nos quais o significado é organizado — chamados pelos autores de estratos, numa referência à Lingüística Sistêmica Funcional hallidayana —, quais sejam: discurso, *design*, produção e distribuição.

Discursos são “conhecimentos socialmente construídos sobre (algum aspecto da) realidade” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 4). Por socialmente construídos os autores entendem que se supõe terem sido eles desenvolvidos em contextos sociais específicos e que servem aos interesses dos atores sociais destes contextos, os quais podem ser amplos (por exemplo, o Brasil) ou não (uma família em particular); os contextos podem ser também explicitamente institucionalizados (uma escola) ou não (a conversa em uma mesa de jantar). O *design* situa-se entre o conteúdo e a expressão, ou seja, “é o lado conceitual da expressão e o lado expressivo da concepção” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 5). *Design* é o uso do recurso semiótico em todos os modos semióticos e combinações de modos semióticos, formas de expressão dos discursos no contexto de uma dada comunicação. E por outro lado os discursos tomam forma a partir dos modos semióticos expressos (*design*) e que têm o potencial de significação destes (dos discursos).

A organização do significado além de passar pelos estratos do discurso e do *design* opera também nos níveis de produção e distribuição. Produção refere-se à “organização da expressão, a atual articulação material do evento semiótico ou a atual produção material do artefato semiótico” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 6). A semiose começa no nível da produção, porque esta pode ser considerada a camada de significado somada ao processo de realização do *design*. A produção, ou seja, a

organização dos recursos semióticos ativa significados do que pode ser dito e de que forma pode ser dito. Produção e design são entidades muito próximas e muitas vezes podem formar um casal, contudo, o que deve ser observado é que diferentes produções de um mesmo *design* podem dizer a mesma coisa, e, em outras vezes, duas versões diferentes de algo podem dizer coisas bem diferentes. Kress e Van Leeuwen (2001) comentam que o estrato da distribuição tende a ser considerado como não semiótico, pois ele se refere, em um primeiro nível, às tecnologias que podem ser usadas na preservação e transmissão da comunicação. Em um segundo nível a distribuição tem o objetivo de transformar a comunicação, pois pode criar novas representações e interações, estendendo o significado semiótico e, conseqüentemente, mudando-o.

1.2 Semiose e dinâmica social

Entender a semiose humana como um fenômeno social em suas origens, funções, contexto e efeitos significa pensar os significados socialmente construídos como práticas semióticas. Para isso, faz-se necessário analisar as relações de poder e o sistema ideológico⁵ imbricados na comunicação, bem como os efeitos deles na recepção e produção de significados.

Para a semiótica social, todas as relações sociais são constituídas por relações de poder e solidariedade — dimensões estas complementares e opostas — que resultam em processos de conflito e luta e em mecanismos de resolução e mediação. As relações sociais são negociadas a partir de complexos ideológicos, cujas regras são reguladas pelo sistema logonômico que compõe as regras de recepção e produção de significados. Para Hodge e Kress (1988), à categoria de ideologia corresponde a falsa consciência que

⁵ Nesta parte desenvolveremos as contribuições de Kress e Van Leeuwen (1988) sobre complexos ideológicos e regras logonômicas. No item “Discurso, ideologia e poder”, exploraremos as contribuições de outros autores.

representa o mundo de cabeça para baixo, ou seja, de forma invertida. A ideologia veicula versões variadas do mundo, sempre articuladas a interesses de grupos sociais, e, por isso, os autores propõem o uso da terminologia “complexos ideológicos” para configurar a dinâmica de forças cujos componentes são “modelos relacionais (classificação de tipos de agente social, ação, objetos, etc.) e modelos de ação (especificações de ações e comportamentos requeridos, permitidos e proibidos aos tipos de agente social)” (HODGE e KRESS, 1988, p. 3)

Os complexos ideológicos têm a função de limitar comportamentos através da construção de versões da realidade que são em si mesmas contraditórias, e, por isso, um segundo nível de mensagem — os sistemas logonômicos — regula o funcionamento dos complexos ideológicos e se relaciona diretamente com a produção e a recepção de significados. Os sistemas logonômicos configuram-se como “o conjunto de mensagens, parte de um complexo ideológico, mas servindo para fazê-lo sem ambigüidade na prática” (HODGE e KRESS, 1988, p. 4). Os autores comentam que, onde as estruturas de dominação são/estão imodificáveis, os sistemas logonômicos servem para assegurar esta posição, e, onde as estruturas de dominação são/estão modificáveis, eles podem ser identificados como as áreas de contestação. As regras logonômicas são visivelmente operadas por pais, professores, empregados, por exemplo, e podem ser mapeadas pelas convenções de polidez, etiqueta, relações industriais, legislação, etc.

As regras logonômicas são o resultado da luta histórica entre grupos dominantes e dominados e na maioria das vezes aparece transfigurado, mas ainda servindo a grupos dominantes. Os sistemas logonômicos classificam pessoas, tópicos e circunstâncias e mesclam as expressões de dominação com as alternativas ou exceções. Assim, esses sistemas expressam um conteúdo ideológico “controlando uma categoria de comportamento (semiose) enquanto o complexo ideológico como um todo projeta um

conjunto de contradições que duplamente legitima e melhora as premissas da dominação” (HODGE e KRESS, 1988, p. 5).

Considerar as práticas semióticas constantemente permeadas pelos complexos ideológicos e pelas regras logonômicas supõe a visão do processo de comunicação de forma dinâmica, na medida em que ele é visto como uma forma de ação social. Além disso, a recepção e a produção de significados dependem do uso da mensagem e do contexto no qual ela será desenvolvida. A dimensão discursiva da comunicação passa a ser o foco através do qual a investigação seguirá daqui em diante, por representar o núcleo através do qual todos os outros conceitos serão articulados.

1.3 Discurso, identidade e representação

O conceito de discurso apresenta-se como uma ferramenta para entender o social e as interações humanas, bem como para entender a linguagem dentro da perspectiva dialógica de constituinte/constituída de imagens, representações, conhecimentos, hábitos, identidades. Kress (1989) diz que processos lingüísticos e processos sociais são totalmente conectados e os discursos se apresentam como um conjunto sistematicamente organizado que dá expressão aos significados e representam os valores de uma instituição. Além disso, para Kress (1989) os discursos definem, descrevem e delimitam o que é possível dizer e não dizer e, por extensão, o que é possível fazer e não fazer com respeito à área de interesse de uma dada instituição.

A primeira noção a ser destacada aqui é a de que o significado é construído pelos participantes (BAKHTIN, 2000) e localizado em situações sócio-históricas particulares através de práticas discursivas específicas nas quais os participantes estão

posicionados em relação de poder.⁶ Esta é uma forma de perceber o discurso como prática social (FAIRCLOUGH, 1995, 2001; HODGE e KRESS, 1988; KRESS, 1989; KRESS e VAN LEEUWEN, 2001) e, para Fairclough (1995), o discurso molda os indivíduos e as interações e é um modo de ação historicamente constituído e inserido em uma lógica dialética: ele (o discurso) é socialmente formado e também forma socialmente. Para esse autor, o uso da linguagem é sempre, simultaneamente, constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças.

Ao examinarmos os discursos e suas conexões com a forma de constituir as identidades sociais precisamos do conceito de representação para indicar como as práticas de significação e os sistemas simbólicos⁷ são produzidos criando posições-de-sujeito específicas. Tomaremos neste ponto algumas contribuições da teoria cultural para elucidar melhor o fenômeno a ser estudado, a construção da identidade. A representação é uma prática cultural (HALL, 1997, 2000; WOODWARD, 2000) que estabelece identidades individuais e coletivas através da classificação do mundo e das nossas relações no seu interior. Hall (1995) afirma que o sentido é produzido dentro da linguagem, ou seja, pela prática, assim, “representação é a produção de sentido através da linguagem” (HALL, 1995, p. 28). Para Hall (1990, citado em MOITA LOPES, 2002), devemos pensar a identidade como um processo de representação. Os sistemas simbólicos gerados nesta dinâmica de representação fazem com que a identidade seja entendida, sempre, como relacional, porque depende de algo fora dela para existir. Quando afirmo “sou brasileiro(a)” estou afirmando também que “não sou argentino”, “não sou americano”, “não sou europeu”, e esta dimensão, ou seja, o que está fora, é determinante para o entendimento do que está sendo representado. A identidade e a

⁶ Esta parte será melhor desenvolvida no tópico “Discurso, ideologia e poder”.

⁷ Para os estudos culturais os sistemas simbólicos são os efeitos da representação que classifica e ordena o mundo e nossas relações nele. Assim, o gênero, a raça, a sexualidade, etc. são sistemas simbólicos.

diferença são seres da cultura e não da natureza e são estreitamente dependentes da representação para existir (SILVA, 2000).

Para Woodward “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença” (2000, p. 39) são sustentadas pelos sistemas simbólicos e de representação tanto quanto pelas formas de exclusão social. Os sistemas de representação marcam os espaços de quem é incluído e quem é excluído no discurso. Contudo, o conceito de identidade não deve ser tomado por uma perspectiva essencialista, como unificado, fixo e/ou imutável, mas sobretudo de forma relacional com a diferença estabelecida como limite de marcação simbólica. Hall (2000, p. 111-112) utiliza o termo identidade para

significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.

Este conceito de identidade marca a mudança da noção do sujeito do Iluminismo baseado na concepção de centralidade, unificação e razão consciente, para a noção de sujeito social que, refletindo a complexidade do mundo moderno, passa a ser delineado não como autônomo e auto-suficiente, mas profundamente influenciado pelas relações sócio-históricas nas quais está envolvido (HALL, 1997). Esta concepção interativa da identidade e do eu não descarta a identidade pessoal, mas coloca em evidência o processo através do qual nossa identidade é formada e modificada num contínuo diálogo com o mundo.

Tal concepção integra espaço interior e exterior, mundo pessoal e mundo público, na medida em que concebe as interações sociais como processos através dos quais temos a oportunidade de projetar nossa identidade e também internalizar os

significados e valores sociais que passam a ser parte de nós. Pensar estas concepções na pós-modernidade é considerar os processos em freqüente mudança, sem momentos unificados e estáveis e tendo como principal configuração a fragmentação. O terreno apresenta-se como espaço de configuração de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Nesse sentido, a construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, porque depende da interação discursiva e representacional que é por si só cíclica.⁸

Na perspectiva do discurso como ação, “a análise dos diferentes meios usados pelos participantes para agir no mundo através do discurso é tão importante quanto a análise dos significados construídos nesse processo” (MOITA LOPES, 2002, p. 31), já que pode nos indicar como os participantes vêem a si mesmos no mundo. Nesse sentido, entender a identidade social como performativa é fundamental (BUTLER, 1990)⁹ e, se o significado é uma construção social, duas questões são centrais: alteridade e contexto (MOITA LOPES, 2002). Para Bakhtin (2001) todo enunciado tem pelo menos duas vozes: a voz do eu e a voz do outro, e a linguagem supõe um falante e um ouvinte entendedor. O ouvinte tem função ativa responsiva: concorda ou discorda do enunciado, completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. O falante está determinado à compreensão ativamente responsiva: uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução. A interação no discurso é determinante porque diz de “como nos percebemos à luz do que o outro significa para nós” (MOITA LOPES, 2002, p. 32). Isto significa que nossas identidades sociais são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro. Para Bakhtin,

quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir

⁸ Este ponto será mais desenvolvido na parte relacionada a “estudos sobre identidade e gênero”.

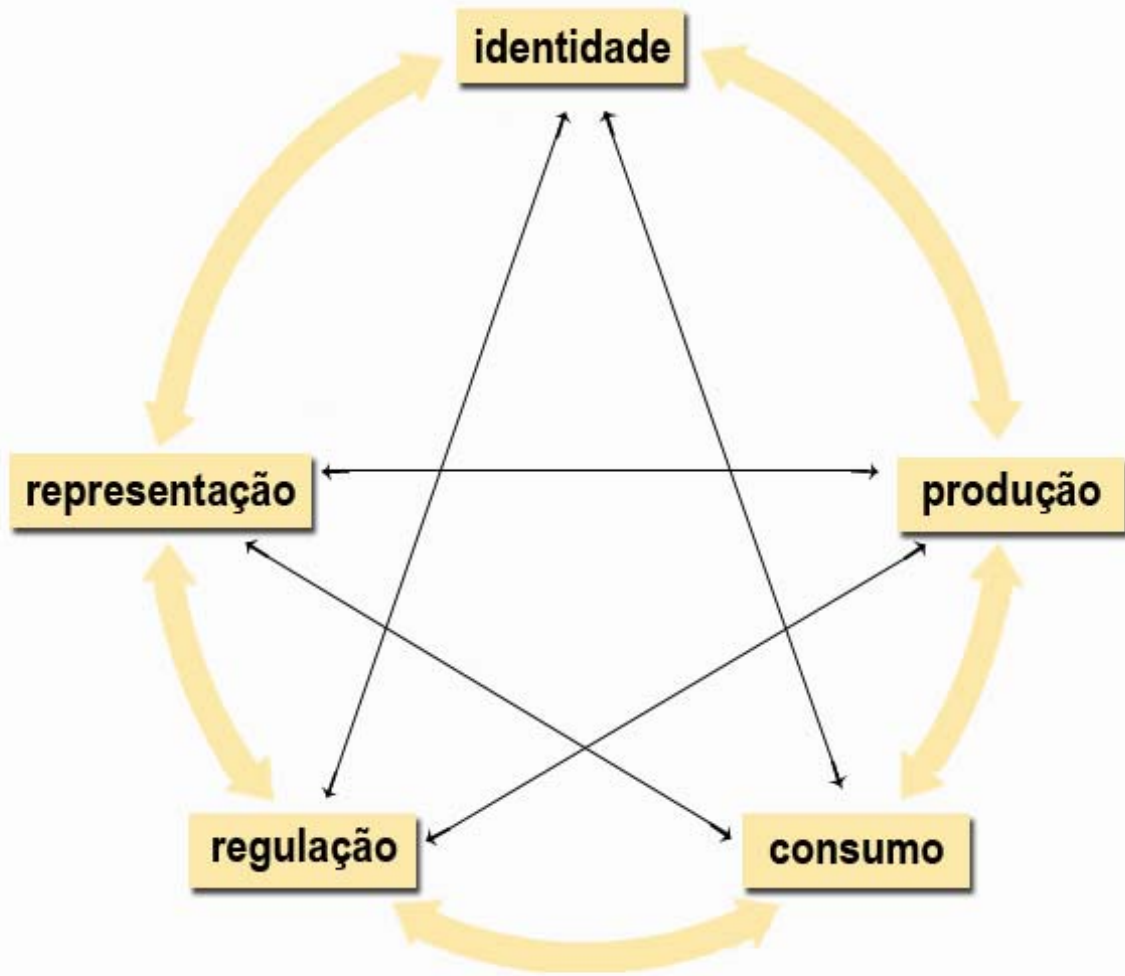
⁹ *Idem.*

com determinada oração, escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado inteiro que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha. (2000, p. 320)

A outra noção de que o significado depende do contexto nos diz de como os participantes discursivos estão agindo no mundo em condições sócio-históricas particulares e o que dizemos está sempre em contexto. Isto significa que os participantes dependem do entendimento do contexto de situação e do contexto de cultura nos quais se inserem para se comunicar. Segundo Cameron (1998), a posição que cada falante tem na interação, e, obviamente, sua posição de poder, é determinante para o sucesso ou o fracasso da comunicação.

Entender os textos como produto de processos de produção e distribuição sociais (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001) é a base para se traçar paralelos dinâmicos e históricos dos processos discursivos, bem como entendê-los na sua lógica dialógica. A análise crítica do discurso preocupa-se com os contextos de poder envolvidos nos discursos e interações como também com as maneiras pelas quais a luta de poder molda e transforma práticas discursivas de uma sociedade ou instituição. O que se busca é identificar variedades, lutas e mudanças em congruência com processos históricos e sociais.

Paul de Gay *et al.* (1997, citados em WOODWARD, 2000, p. 69) argumentam que, para se ter compreensão de um texto ou artefato cultural, é preciso analisar os processos de representação, identidade, produção, consumo e regulação de acordo com o diagrama a seguir:



Como o diagrama indica, trata-se de um circuito que pode ser lido a partir de qualquer ponto, pois não se configura como um processo linear e/ou seqüencial. Cada parte do circuito está ligada a cada uma das outras e aparecem separadas no diagrama somente para que possamos visualizá-las, sem, contudo, considerá-las apartadas. A representação refere-se aos sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos. Estes sistemas produzem identidades posicionando-nos como sujeitos. A produção¹⁰ refere-se ao processo cultural que gera representações e posições-de-sujeito que, por sua vez, são consumidas em diversos momentos — nas interações, por exemplo — e/ou transmitidas a produtos/*performances* — um carro, por exemplo — que indicarão qual a identidade representada. As formas de representação têm um efeito sobre a regulação da vida social, relacionado sobretudo às identidades a ela associadas, e sobre a articulação de sua produção e de seu consumo.

Analisar as construções discursivas sobre a identidade de gênero supõe considerar todo este circuito, pois se trata de um fenômeno social. As identidades sociais são construídas nos discursos e emergem nas interações como práticas. Elas estão sempre em construção e, conseqüentemente, podem ser modificadas, ou seja, “podem ser reposicionadas” (Moita Lopes, 2002, p. 37).

A visão de que a constituição da identidade social é um construto interacional e representacional nos coloca diante dos jogos de poder imbricados neste sistema e tomaremos agora os conceitos de poder e ideologia como construtos-chave para analisar todo o sistema de significação relacionado com a semiose humana.

¹⁰ Para a semiótica social (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001) o termo produção refere-se à organização dos recursos semióticos, com ativação de significados. Nos estudos culturais, produção tem o sentido de gerador de representações que, por sua vez, geram posições-de-sujeito. Podemos considerar que os dois usos do termo referem-se à mesma coisa, ou seja, à organização de significados, sendo um utilizado no nível da linguagem e o outro no nível da cultura.

1.4 Discurso, ideologia e poder

O conceito de ideologia traz uma profusão de significados que podem ser considerados complexos e escorregadios por fazerem referência a diversos tipos de visões e construções de um mesmo conceito. Segundo Guareschi (1998) pode ser tomado como um conceito positivo ou neutro, na medida em que se refere a um conjunto de valores, idéias, ideais, filosofias de uma pessoa ou grupo e, num sentido negativo ou crítico, quando se refere a idéias distorcidas, enganadoras, mistificadoras. Segundo esse autor, o conceito de ideologia também pode ser entendido como algo materializado — ou seja, corporificado na própria idéia, na forma simbólica ou mesmo concretizada numa instituição — e algo organizado, como modo e estratégia, visto como uma prática, uma forma pela qual as formas simbólicas servem para criar e manter as relações sociais entre as pessoas. Esta última noção é compartilhada por Thompson (1995) e será tomada aqui como a forma escolhida para o desenvolvimento deste trabalho por romper com construtos que colocam o conceito de ideologia articulado com a verdade ou falsidade de um conceito ou a preocupação com a constituição de instituições ideológicas, por exemplo, aos moldes dos aparelhos ideológicos do Estado.

A ideologia é entendida como uma prática, um modo de operação, de estratégia e de ação. Segundo Guareschi (1998, p. 95), tal conceito de ideologia coloca nossa atenção nas “maneiras como as formas simbólicas são usadas e transformadas em contextos sociais específicos” e nos ajuda a observar como as relações sociais são criadas e sustentadas por formas simbólicas que nos orientam para certas direções. Para Thompson (1995, citado em GUARESCHI, 1998, p. 76), “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Esta concepção de ideologia traz algumas implicações: primeiro, entender a ideologia

como uma concepção crítica; segundo, pesquisar e valorizar os sentidos e formas simbólicas dos processos ideológicos; e terceiro, mapear modos e estratégias organizadas para estabelecer e sustentar relações de dominação.

No primeiro caso, entender a ideologia como uma concepção crítica supõe uma contraposição à concepção neutra e, nesse contexto, os conceitos de poder e dominação são essenciais na composição da leitura dos fenômenos ideológicos. Conforme Guareschi (1998) — seguindo a influência foucaultiana —, o poder é uma capacidade de produzir algo e toda prática envolve poder. Há diferentes graus de poder de acordo com o contexto socialmente estruturado do qual cada pessoa participa. A dominação é uma relação e se dá quando “determinada pessoa expropria poder (capacidades) de outro, ou quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas” (GUARESCHI, 1998, p. 96).

No segundo caso, pesquisar e valorizar os sentidos e as formas simbólicas dos processos ideológicos significa entender um “amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por pessoas e reconhecidos por elas como contendo um significado” (GUARESCHI, 1998, p. 96). Tais formas são principalmente as falas e expressões lingüísticas, faladas ou não, compondo um amplo sistema semiótico.

No terceiro caso, mapear modos e estratégias organizadas para estabelecer e sustentar relações de dominação pode ser considerado o ponto mais prático e útil para a análise ideológica. Responder a perguntas do tipo “quais os modos e estratégias empregados na criação e manutenção das relações de dominação” e também “como o sentido pode estabelecer e sustentar tais relações” pode ser valioso passo para a análise da ideologia. As estratégias são muitas e Guareschi (1998) enumera algumas: universalização, naturalização, legitimação, rotulação ou estigmatização.

Sobre a estratégia da universalização, o autor exemplifica com o discurso do político que afirma que a competição e a globalização em âmbito mundial são condições favoráveis ao progresso e ao desenvolvimento das nações. Sabe-se que este discurso é favorável somente a algumas nações e não pode ser considerado uma questão universal. A estratégia da naturalização consiste em retirar dos fenômenos sua construção histórica e considerá-los tão-somente como eterno e imutável. Um bom exemplo são as construções de gênero que são consideradas “naturais”, sendo que sabemos serem elas passíveis de modificações, já que são construções sociais e históricas. A estratégia de legitimação e justificação se dá quando uma situação desigual e injusta é justificada. Guareschi (1998) cita o exemplo da empregada doméstica que diz “rico é quem poupa” ao explicar porque há pessoas ricas e pessoas pobres. Sabe-se que grande número de pessoas ricas o são por explorarem o trabalho de outras. A estratégia de rotulação ou estigmatização aparece quando determinados estereótipos se ligam a pessoas ou instituições, criando um contexto de exclusão e relações de dominação. Estes modos e estratégias descritas podem se sobrepor e se legitimar mutuamente. A pesquisa social que toma o conceito de ideologia como guia pode revelar como as pessoas sofrem e são prejudicadas na sua vida cotidiana a partir das relações estabelecidas de forma desigual e injusta.

Outro conceito importante de construto a ser tratado aqui diz respeito ao poder. O teórico que desenvolveu esta temática foi Michel Foucault (1988), construindo uma noção de poder como estratégia e como tática que gera efeitos no social. Segundo o autor, poder não significa o conjunto de instituições e aparelhos do Estado que operam na sujeição dos sujeitos nem algo que, em oposição à violência, tenha a forma de uma regra. O poder não é um sistema geral de dominação, não tem a ver com a soberania do Estado nem tampouco com a lei ou a unidade global de uma dominação, pois “estas são

apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais” (FOUCAULT, 1988, p. 88). O poder não se localiza nas pessoas, nas instituições e nem na estrutura, porque é mais uma situação estratégica que se “exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (*ibidem*, p. 90), é, pois, um construto relacional, gerador de efeitos que não se gerencia pela oposição de dominadores e dominados e nem como forma local de manifestação, mas que resulta em redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos de série e convergências. Para Foucault (1979), o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa em uma sociedade determinada. Não se pode fazer uma apreensão do poder, ele é essencialmente gerador de efeitos.

Segundo Foucault (1987, 1988), o poder está articulado com as formações discursivas que dão origem aos regimes de verdade: o saber. Para Foucault (1987), uma formação discursiva consiste em regras de formação de saberes que se constituem em sistemas de dispersão e regularidades. Ele chama de regras de formação “as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas)” (1987, p. 43). As regras de formação são “condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) de uma dada repartição discursiva” (*ibidem*, p. 44). A constituição de saberes, a partir das formações discursivas, é um ponto de tensão e de poder.

Cameron *et al.* (1988) concordam com Foucault quando afirmam que o “poder não é monolítico e não vai somente em uma direção” (p. 19). Esta metáfora aponta para o fato de se considerar as variadas dimensões de poder — por exemplo, classe, raça, etnia, gênero social, geração, orientação sexual, subcultura — e, conseqüentemente, as

simultâneas organizações identitárias possíveis para capturar as relações sociais. Para Moita Lopes, “a escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais agimos embora possamos resistir a essas práticas” (2002, p. 37).

Entender a natureza constitutiva dos discursos a partir das regras de formação de saberes e as formas de coexistência destes coloca-nos diante da investigação do fenômeno da identidade como um construto social com jogos ideológicos e de poder constantemente organizados. Investigar a forma como as identidades sociais são representadas e negociadas discursivamente e quais os sistemas ideológicos e de poder estão envolvidos nesta prática semiótica pode ser amparada pela análise textualmente orientada proposta por Halliday (1994, 2004) e Eggins (1994, 2004), que discutiremos a partir de agora. O objetivo é investigar as escolhas lexicais dos participantes da pesquisa e analisar quais representações são chamadas para nomear a identidade dos homens participantes.

1.5 Lingüística sistêmico-funcional

A lingüística sistêmico-funcional preconiza que a linguagem é um tipo de comportamento social, ou seja, ela tem uma “função” que é construída a partir das interações humanas. Isso significa dizer que o social, mais do que o individual, está no centro desses estudos, e o que a linguagem individual realiza é interpretado como resultante de vários relacionamentos sociais através dos quais esta foi estabelecida, desenvolvida e mantida. Halliday (1973, 1978, 1986) afirma que a linguagem tem papel central na constituição dos seres humanos, transmitindo os padrões por meio dos quais aprendemos a agir como membros de uma sociedade (através de vários grupos, como a

família, a vizinhança...) e membros de uma cultura (os modos de pensar e agir, as crenças e valores). Esta visão sistêmica implica no estudo sobre o que a linguagem pode fazer ou, mais especificamente, o que o falante pode fazer com a linguagem, apontando, assim, para a abordagem funcional da mesma, já que esta é uma forma de interação aprendida através da interação. Assim, a natureza da linguagem, sua organização interna e seus padrões em termos de funções são objetos de estudo da Lingüística Sistêmico-Funcional.

Se a linguagem tem um significado comportamental, e esta não parece ser uma noção lingüística, Halliday afirma que ela tem um potencial de significado (*meaning potential*) para representar que “o potencial de significado é a realização lingüística do comportamento potencial” (1973, p. 51). “Poder significar” é “poder fazer” quando traduzido pela linguagem. Isso significa que aprendemos a nos comunicar através de um sistema que nos permite escolher significados, pois o que podemos significar (sistema semântico) está expresso no que podemos “dizer” (sistema léxico-gramatical) que está apregoado nas palavras (sistema ortográfico e fonológico).

A visão funcional do sistema lingüístico implica na percepção da linguagem como forma de comunicação em situações e contextos sociais que são desenvolvidos culturalmente. O uso da linguagem está revestido por significados potenciais associados a situações específicas e influenciadas pela organização social e cultural. Assim, o conceito de significado potencial deve ser relacionado com um tipo de semântica social que pressupõe o estudo do significado em um enquadramento sociológico. Halliday afirma que o critério de estudo da linguagem deve ser “sociológico mais do que simplesmente social — baseado em alguma teoria da estrutura social e da mudança social” (1978, p. 35).

Os significados que construímos a partir da linguagem organizam as relações sociais e são organizados por nossas relações como indivíduos e como membros de um grupo social (ou de vários). Esta noção diz respeito ao contexto de cultura no qual a linguagem está mergulhada, e deve ser levada em conta nas análises lingüísticas. Outro conceito que deverá ser considerado é o contexto de situação que se refere à instanciação imediata do texto, o nível do registro. Um texto só pode ser lido e/ou produzido considerando estes contextos: o de cultura e o de situação. Assim, quando nos comunicamos, escolhemos os recursos semióticos que consideramos mais aptos e plausíveis naquele momento. As escolhas são determinadas pelo potencial de significados que podem ser ativados numa dada comunicação.

1.6 Texto e logogênese

O conceito de texto é definido por Halliday e Hasan como “qualquer passagem, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que forma um todo unificado” (1976, p. 1). Assim, uma unidade de linguagem em uso que faz sentido para quem conhece a língua pode ser considerada um texto. Para Halliday, “o texto é um rico e multifacetado fenômeno que ‘significa’ em muitas formas diferentes” (2004, p. 3). Para Hodge e Kress, texto “se refere à estrutura de mensagens ou traços de mensagens que tem uma unidade socialmente atribuída” (1988, p. 6). Para Kress e Van Leeuwen, o conceito de texto é ampliado e definido como “o fenômeno que é o resultado da articulação de um ou mais modos semióticos do discurso ou (pensamos sempre inevitavelmente) um número de discursos” (2001, p. 40). Partindo do ponto de vista sociolingüístico, um texto tem

significado porque o falante/ouvinte tem evidência abundante (inclusive estatisticamente falando), a partir do seu conhecimento geral, das propriedades do sistema lingüístico e da sua sensibilidade relacionada ao contexto situacional e cultural de qual sentido será acionado na interação. Esta perspectiva permite pensar a gramática como “recurso realizador de significado (*meaning-making*) e descrever as categorias gramaticais pela referência do que elas significam” (HALLIDAY, 2004, p. 10).

Em relação ao aspecto constitutivo da linguagem — o eixo sintagmático —, a organização é estrutural, manifestando-se como “configuração orgânica” (HALLIDAY, 2004, p. 21) na qual cada parte tem uma função específica com relação ao todo organizado por padrões e regularidades. Quanto ao aspecto sistemático da linguagem — o eixo paradigmático —, a organização configura-se como o conjunto de alternativas disponíveis no sentido técnico. Enquanto o eixo sintagmático pode ser representado como “o que vai junto com o que”, o eixo paradigmático é “o que pode ser ao invés de”. Assim, quando se analisa um texto, considera-se a organização estrutural e os recursos da estrutura, ou seja, a realização desta representada pelas escolhas lexicais.

O texto é um processo de instanciação no qual as escolhas lexicais sistematicamente organizadas criam sentidos através do sistema léxico-gramatical. A criação de sentido no desdobramento do texto é chamada de logogênese, e este conceito torna-se saliente quando consideramos as relações entre itens no texto. Segundo Halliday (2004), o texto é algo que acontece, ou seja, ele é o produto de um processo, sendo que o termo texto se refere ao produto enquanto o processo é uma noção semântica. A logogênese relaciona-se ao potencial de significado que é criado no texto através do qual podemos “explorar como as seleções gramaticais locais se acumulam para criar padrões logogenéticos que se tornam parte da história sistêmica do desdobramento do texto” (HALLIDAY, 2004, p. 531).

A logogênese é organizada por funções básicas que se relacionam com o sentido da nossa experiência e nossos relacionamentos sociais. Halliday propõe pensar a linguagem estruturada em três metafunções: ideacional, interpessoal e textual. A linguagem “constrói a experiência humana dando nomes às coisas, construindo categorias, relacionando as categorias em taxonomias e freqüentemente utilizando outras palavras para isto” (HALLIDAY, 2004, p. 29). A linguagem provê uma teoria da experiência humana, e esta metafunção é chamada de ideacional. À medida que utilizamos a linguagem, acionamos também a metafunção interpessoal, que se refere ao modo da enunciação. Segundo Halliday (2004), se a metafunção ideacional se refere à “linguagem como reflexo” (p. 29), a metafunção interpessoal se refere à “linguagem como ação” (p. 30), o que significa que uma mensagem sempre diz alguma coisa a alguém de forma combinada. A metafunção textual se relaciona à construção do texto e diz respeito à organização discursiva e como esta cria continuidade e coesão à medida que o texto acontece. As escolhas lexicais criando coesão no texto serão o foco de desenvolvimento teórico nesta pesquisa e passarão a ser discutidos agora.

1.6.1 Coesão textual e semântica discursiva

Investigar a coesão em um texto é pensar, segundo Halliday (1985), em um processo. Há uma relação entre entidades gramaticais que faz um texto coeso. Halliday (1985) afirma que coesão é um conceito semântico e se refere às relações de significado no texto e que o definem como texto. Assim, a coesão ocorre a partir da dependência de elementos no discurso. Deve haver uma inter-relação destes elementos gramaticais para que haja um efetivo processo de decodificação. Halliday (1985, 2004) expõe 4 mecanismos coesivos: conjunção, elipse e substituição, referência e coesão lexical.

Enquanto a coesão se refere às propriedades internas do texto, outro conceito — a coerência — se refere à forma como um grupo de frases ou sentenças se relaciona com o contexto e como a lingüística sistêmico-funcional reconhece dois tipos de contexto — o de cultura e o de situação. O conceito de coerência se desdobra em dois: coerência situacional e coerência genérica. Um texto tem coerência situacional quando podemos identificar uma situação na qual ele pode ocorrer, ou seja, quando podemos identificar o campo (o que), as relações (quem) e o modo (como) daquele texto. Um texto tem coerência genérica quando podemos identificá-lo como um exemplar de um gênero textual em particular, ou seja, quando podemos reconhecer uma estrutura esquemática que cumpre o papel de organizador do evento lingüístico.

Além dos conceitos de coesão e coerência, em Hasan (1993) encontra-se o conceito de textura, elaborado como a estrutura de continuidade do texto e que se relaciona ao contexto de situação. A textura manifesta-se por certos tipos de relações semânticas entre as mensagens individuais do texto. A partir da percepção de coerência de um texto é que podemos relacioná-lo à textura. Porém, não é só a ausência ou a presença de um aparato coesivo que determina a textura, mas é a interação entre as cadeias do texto que é fundamental. Eggins comenta que podemos distinguir um texto de um não-texto a partir da textura, porque “textura é o que mantém as frases de um texto juntas para dar unidade a ele” (1994, p. 85). Assim, a textura é o resultado da coerência contextual (situacional e genérica) e da coesão (elos semânticos) do texto.

Eggins (1994) propõe analisar a estrutura da linguagem a partir de um sistema semiótico com 3 camadas: a) sentido e significado; b) palavras e estruturas; e c) sons e letras. Neste trabalho desenvolvemos nossas análises a partir da semântica discursiva, descrevendo os padrões gramaticais de transitividade, modalidade e tema, permitindo alcançar qual sentido está sendo construído no texto. Eggins (1994) propõe recuperar a

coesão textual a partir do uso de cadeias referenciais que podem indicar quais os Participantes e se há consistência no desenvolvimento deles no texto.

Com o objetivo de fazer um recorte mais específico dos aspectos coesivos de um texto, passamos agora à descrição das escolhas lexicais e de como nós falantes as utilizamos para criar um texto coeso. As escolhas lexicais têm a ver com as construções discursivas nas quais nos inserimos. Neste momento detalharemos como Halliday (1985, 2004) e Eggins (1994) percebem este sistema de escolhas bem como tal construto será utilizado na análise dos dados.

1.6.2 Relações lexicais

Halliday (1985) argumenta que o padrão pelo qual o falante e o escritor criam coesão no discurso é a partir de sua escolha lexical. Halliday (2004) chama a atenção para a organização de relações lexicais que constroem sentido dentro de uma rede. Assim, podemos identificar as relações coesivas entre os itens que, por sua vez, estão relacionados com o sistema lexical da língua de origem.

Halliday (2004) diz que os tipos primários de relações lexicais são derivados da organização lexical paradigmática e sintagmática. As relações paradigmáticas são inerentes à organização do léxico como um recurso. As relações sintagmáticas residem entre itens lexicais em um sintagma que tende a ocorrer juntamente, ou colocado com um outro. O autor comenta que, desde que as organizações sintagmáticas e paradigmáticas representam duas dimensões diferentes de padronização, qualquer par de itens lexical pode envolver ambos.

Halliday (2004) listam 3 tipos de relações de elaboração: repetição, sinônimo e hipônimo. A forma mais direta de coesão lexical é a repetição, quando um item aparece repetidamente. A coesão lexical pode ser criada também pela relação de sinonímia, que resulta da escolha de um item lexical que é sinônimo de outro precedente. Este tipo de relação pode acontecer com identidade de referência, por exemplo, com os superordinários ou sem necessariamente ocorrer a identidade de referência, como no caso dos antônimos.

Há outro nível de relação lexical, diferente da repetição e da sinonímia, que são relações de identidade. O segundo tipo de elaboração é a atribuição baseada na classificação específica ou geral, ou seja, o primeiro item lexical representa a classe relacionando-se com subclasses e outras classes em outros níveis de classificação. É o que se chama relação de hiponímia. Este tipo de relação não tem necessariamente identidade de referência. O senso geral do hipônimo é “um tipo de” assim como a fruta é um tipo de comida.

Há outro tipo de relação, a meronímia, que é “ser a parte de”, (folhas são parte de uma árvore, por exemplo). Hipônimos e merônimos trabalham juntos no desenvolvimento do texto, contudo Halliday (2004) comentam que não há uma ligação clara entre estes dois construtos, especialmente com termos abstratos, e o mais importante a ser considerado é a relação de coesão lexical entre eles.

Da mesma forma, há outra instância de coesão lexical que não depende de nenhum relacionamento geral semântico, mas na associação particular entre os itens em questão – uma tendência a co-ocorrer. Esta tendência de co-ocorrência é conhecida por colocação. Geralmente a base semântica da maioria das instâncias de colocação é circunstancial, isto é, Participantes e Processos relacionam-se formando a base da colocação que se configura como uma relação de base probabilística.

O fato é que onde há uma relação de sinonímia entre os itens lexicais os efeitos coesivos tendem a depender mais da colocação como simples tendência de co-ocorrer. É claro que se há ocorrência dos dois tipos de relacionamento eles reforçam um ao outro, mas, se o par de sinônimos não é uma colocação regular, há a tendência de ele ser considerado fraco, ao passo que palavras associadas comumente supõem efeitos coesivos mais claros. Halliday (2004) comenta que isto ocorre porque a colocação é um dos fatores pelo qual construímos nossa expectativa do que vai ocorrer adiante. De forma esquemática, estas construções teóricas são demonstradas no Quadro 1:

Quadro 1 – Construções teóricas

Natureza da Relação	Tipo de Expansão		Tipo de Relação Lexical
Paradigmática (conjunto lexical)	Elaboração	Identidade	Repetição Sinônimo
		Atribuição	Hipônimo
	Expansão		Merônimo
Sintagmática (colocação)	(realce)		colocação*

*Colocação está incluída aqui e pode ser interpretada como realce, mas não se confina a este tipo de relação.

Fonte: Halliday (2004, p. 572), Tabela 9(17): tipos de relações lexicais desempenhando o papel na coesão lexical.

Egins (1994, 2004) afirma que a análise das relações lexicais deriva da observação de que há certas relações de expectativa entre as palavras. Por exemplo, se lemos uma palavra como “criança” em um texto não ficaremos surpresos se encontrarmos as palavras “brincadeira”, “bola”, “boneca”, e, em consequência ficaremos surpresos em encontrar outras palavras que diretamente não têm relação com a palavra de referência. As relações lexicais são importantes dimensões que criam a coesão no texto. São uma forma de descrição sistemática de como as palavras no texto

se relacionam com outras e como se agrupam para construir conjuntos e redes lexicais (*lexical strings*) (EGGINS, 1994, 2004).

Segundo Eggins (1994, 2004) há dois tipos principais de relações lexicais: taxonômicas e de expectativa. As relações lexicais taxonômicas ocorrem quando um item se relaciona a outro através de classe/subclasse ou parte/todo. A forma mais comum destas relações apresenta-se em grupos nominais e refere-se a pessoas, lugares, coisas e qualidades, podendo também ligar Processos. As relações de expectativa ligam elementos verbais e elementos nominais e acontecem quando há uma relação previsível entre um Processo e o que sofre o processo ou é afetado por ele.

As relações taxonômicas — primeiro tipo principal de relações lexicais — podem ser de dois tipos: classificação e composição. Em primeiro lugar, nas relações de classificação o relacionamento é entre um termo superordinário e seus membros ou hipônimos. Classificação pode ser traduzida por “x é um tipo de y” (EGGINS, 1994, p. 43). Os maiores tipos são: 1) co-hipônimo; 2) classe/subclasse; 3) contraste; e 4) similaridade. Quando identificamos no texto dois (ou mais) itens membros de uma classe superordinária, eles são classificados como co-hipônimos. Quando dois (ou mais) itens se relacionam através de subclassificação, ou seja, um item superordinário e um hipônimo, classificamos como classe/subclasse. A relação de contraste ocorre quando os itens se relacionam como antônimos, já a relação de similaridade pode ser classificada de duas formas: sinonímia, quando as palavras se relacionam umas com as outras, e repetição, quando o item lexical é repetido.

Em segundo lugar, as relações taxonômicas de composição podem ser definidas como o relacionamento de parte ou todo entre merônimos ou co-merônimos. Merônimos são os itens que se relacionam como parte/todo ou vice-versa. Co-merônimos são ambos os itens que se relacionam como partes de um todo maior.

O segundo tipo principal de relações lexicais, as chamadas relações de expectativa, pode ocorrer: 1) entre um item nominal e um item verbal, ou seja, a ação e o que faz a ação; 2) entre um Processo e o típico Participante esperado; 3) entre um evento/Processo e a típica localização (lugar) na qual ele pode ocorrer; e 4) entre um léxico individual e o grupo nominal previsível que ele forma. Procurando sistematizar o que Eggins (1994, 2004) expôs sobre as relações lexicais, organizamos as informações no Quadro 2:

Quadro 2 – Tipos de relações lexicais

Tipo de relação		
Taxonômica <ul style="list-style-type: none"> • Pessoas • Lugares • Coisas • Qualidades 	Classificação (um tipo de)	Co-hipônimo
		Classe/subclasse
		Contraste
		Similaridade: sinônimo repetição
	Composição (a parte de)	merônimo
		Co-merônimo
De Expectativa <ul style="list-style-type: none"> • ligações possíveis 		Elemento verbal+ Elemento nominal
		Processo + Participante
		Evento/Processo+ Local
		Item lexical+ Grupo nominal

Segundo Eggins (1994, 2004), podemos observar as relações lexicais em um texto a partir das redes lexicais (*lexical strings*) que se formam relacionando as palavras, ou a realização complexa¹¹ delas, através das relações taxonômicas ou de expectativa. A partir de agora privilegiaremos a discussão da obra de Eggins (1994), por esta se

¹¹ Segundo Martin (1992) (citado em EGGINS, 1994, 2004), dois ou mais itens lexicais podem exprimir uma parte do conteúdo lexical

configurar de forma mais ampla atingindo a dimensão do discurso e não somente a do texto, ou seja, ampliando do contexto de situação para o contexto de cultura. A dimensão ampliada atender melhor o propósito deste estudo.

Segundo Eggins (1994), a descrição das redes lexicais pode nos dizer: 1) o que está sendo falado no texto (se as redes indicam um tópico ou parte de um tópico); 2) quantas coisas diferentes estão sendo faladas (qual a maior rede lexical, se está ligada a outras redes e se é simultânea ou seqüencial); 3) que tipos de relações acontecem entre os itens na rede (que tipos de taxonomias são desenvolvidas no texto). A autora comenta que todas estas possíveis relações que podem ser mapeadas no texto a partir das redes lexicais nos dizem

sobre o significado experiencial sendo realizado no texto. Deste modo podemos reconhecer a ligação entre o domínio discursivo das relações lexicais (escolhas sobre quais aspectos do conteúdo são lexicalizados no texto) e a semântica experiencial (significados sobre como a realidade é representada). (EGGINS, 1994, p. 105)

As escolhas lexicais podem explicar como os falantes/escritores constroem a atividade social na qual estão envolvidos e por isso se relacionam ao contexto de cultura e de situação, sendo que os padrões lexicais variam de acordo com o campo no qual o texto é produzido. A forma como a realidade é representada relaciona-se com a escolha que foi lexicalizada, ou seja, com o tipo de significado que está sendo forjado no texto.

A partir destes pressupostos teóricos, o objetivo deste trabalho é mapear o *corpus* de pesquisa, investigando quais itens lexicais estão sendo associados à descrição da identidade de gênero masculina, quais organizações de redes lexicais podem ser consideradas novas formações discursivas sobre a identidade social, quais somente repetem padrões hegemônicos e quais os contextos de poder implicados nestas escolhas. Para realizar tal análise contaremos também com o mapeamento de outros recursos

semióticos utilizados pelos participantes da pesquisa e que foram desenvolvidos pela gramática visual e pela teoria da multimodalidade, que discutiremos agora.

1.7 Gramática do *design* visual

O visual que será aqui analisado não se configura como algo estático — no sentido de imagem impressa — tal qual o desenvolvimento teórico da obra de Kress e Van Leeuwen (1996), base deste estudo. Contudo, não há incompatibilidade de análise, visto que toda a gramática visual foi desenvolvida a partir da semiose humana real, ou seja, ela se configura como uma ação de construção social. A análise do *corpus* deste trabalho inclui as dimensões espaciais e temporais por razões óbvias: trata-se de uma interação.

A gramática do *design* visual propõe descrever a forma pela qual “pessoas, lugares e coisas combinam ‘sentenças’ visuais de maior ou menor complexidade e extensão” (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996, p. 1). Os autores comentam que a gramática é tradicionalmente formal e tem sido estudada isoladamente do contexto, no entanto, cada cultura desenvolve uma forma de interpretação da experiência e das formas de interação social e, nesse sentido, propõem uma gramática do *design* visual da cultura ocidental. Para estes autores, a produção de significados é feita tanto pelas estruturas visuais quanto pelas estruturas lingüísticas, e algumas coisas só podem ser ditas visualmente, enquanto outras só podem ser ditas verbalmente e ainda, quando algo pode ser “dito” visualmente e verbalmente o modo em que será “dito” é diferente. Assim, combinam uma teoria representacional com a semiótica social compondo uma grande variedade de modos interpretativos do visual.

Para Kress, Leite-Garcia e Van Leeuwen (1998) é impossível ler somente o texto. Os vários modos representacionais que compõem o processo da linguagem devem ser considerados compondo uma leitura da multimodalidade dos textos. Estes autores propõem a leitura dos textos através: 1) da análise dos modos representacionais que são percebidos e produzidos; e 2) do entendimento cultural e histórico que tais textos produzem compondo um modo semiótico que faz sentido. Assim, cabe investigar quais “diferentes modos são conjugados, sua respectiva contribuição para a formação de significados pelos leitores e, o mais importante, regularidades de práticas de leitura para (as comunidades) de leitores” (KRESS, LEITE-GARCIA e VAN LEEUWEN, 1998, p. 258). O foco está na textualidade, na origem social e na produção do texto, mais do que em sua leitura.

A teoria da multimodalidade desloca, por assim dizer, o foco da linguagem como único meio representacional para uma multiplicidade de comunicações “extra-lingüísticas, para-lingüísticas” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 111). Para estes autores, uma teoria multimodal da comunicação concentra-se em duas coisas: 1) os recursos semióticos da comunicação; e 2) as práticas comunicativas nas quais tais recursos são utilizados.

Os recursos semióticos são produtos de construções sociais, culturais e políticas e trazem à baila um significado potencial. Eles “podem tomar a forma de coleções de signos mais ou menos soltos ou a forma de sistemas de regras — ou alguma coisa entre os dois” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 112). As práticas comunicativas nas quais tais recursos são utilizados podem ser vistas como multifacetadas e incluem as práticas discursivas, práticas produtivas e práticas interpretativas. Para Kress e Van Leeuwen, (2001), o ponto central da teoria da multimodalidade é que o significado é construído por uma multiplicidade de recursos semióticos, de formas também múltiplas

em diferentes lugares. A disponibilidade dos recursos semióticos, ou seja, a possibilidade de ativar os signos para que estes se configurem em uma comunicação, deve ser entendida como um “trabalho de todas as formas representacionais disponíveis e este trabalho é sempre com significado” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 112).

Para Kress, Leite-Garcia e Van Leeuwen (1998), existem 3 categorias possíveis de análise semiótica: 1) semiótica social do espaço visual; 2) semiótica social dos estados de coisas; e 3) semiótica social das relações sociais. Nesta pesquisa, serão abordados os modos semióticos do olhar e dos gestos compondo a semiótica social das relações sociais.

1.7.1 Representação e interação: o olhar e os gestos

A articulação e o entendimento do sentido social das imagens deriva da combinação visual e gestual com os sentidos sociais nas interações face a face. A posição espacial, os gestos e o olhar alocados aos atores sociais na interação representam diferentes relações de endereçamento e posicionamento. Quando os atores sociais se olham durante as interações, formam vetores através da linha do olhar, e isto resulta em interação. A configuração visual tem duas funções: oferta e demanda. No primeiro caso, é criada uma forma direta de endereçamento, e, no segundo caso, o olhar e os gestos (por exemplo, o sorriso) funcionam como um “ato de imagem”, provocando uma reação de outros atores na interação.

O olhar e os gestos podem também representar a distância social nas interações. O olhar íntimo e pessoal freqüentemente ocorre com proximidade corporal. O contato social apresenta-se freqüentemente com um ângulo médio de interação visual e média distância corporal. O contato impessoal apresenta pouco contato visual e grande

distância corporal. A proximidade e o contato visual podem ser interpretados tanto como pontos de intimidade (se há oferta e demanda entre os participantes) ou como pontos de agressividade (por exemplo, quando não há contato social de intimidade entre os participantes, a proximidade corporal pode ser interpretada como agressiva). Este ponto está ligado diretamente à relação social entre os atores sociais envolvidos na interação.

Os vetores formados pelo olhar e pelos gestos podem indicar também envolvimento, quando estes se dão em um ângulo frontal, ou separação, quando assumem a configuração de interação através de ângulos oblíquos. Tais configurações denotam também atitudes de poder e solidariedade e, juntamente com o conjunto de modos semióticos disponíveis no momento podemos identificar como os participantes representam e negociam suas identidades sociais com maiores ou menores jogos de poder. Em uma interação podemos considerar grande variedade de modos semióticos, tais como o olhar e os gestos (sorrisos, apontar os dedos para si e para os outros, gesticular enquanto se fala, etc). A escolha do modo semiótico mais expressivo no momento será o ponto de partida para a análise da representação e negociação da identidade social masculina. Para realizar tal análise, será preciso especificar as construções de gênero social bem como entender de que modo elas se dão, de forma relacional e representativa nos discursos.

CAPÍTULO 2

ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE E GÊNERO

2.1 Identidade e modernidade

Identidade e crise de identidade são conceitos amplamente desenvolvidos nas pesquisas sociais por serem congruentes com o surgimento da modernidade. Todo o questionamento sobre por que as identidades entraram em colapso passa pelo exame de uma série de contextos, tais como a globalização e os processos de mudanças globais, incluída a dialética entre o local e o global, a mudança social e os movimentos políticos. Contextualizaremos brevemente estes movimentos modernos e veremos como a identidade de gênero passou a ser tema a partir dos movimentos sociais principalmente o movimento feminista trazendo à tona as conexões entre o pessoal e o político que até então não tinham visibilidade.

A questão da identidade tem ganhado destaque na teoria social em função da noção de sujeito fragmentado que surge na modernidade em contraposição ao sujeito unificado, imagem da sociedade tradicional. As velhas identidades que organizaram o mundo estão em declínio (HALL, 1997, 2000; GIDDENS, 1993, 2002), e o que pode ser chamado de crise da identidade faz parte de um amplo processo de mudança gerado no âmbito da sociedade moderna, “abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 1997, p. 7). A identidade só aparece como problema quando está em crise, quando se supõe que algo fixo, coerente e estável é vivenciado com algo cambiante e sujeito a muitas contestações.

A questão da modernidade, a filosofia subjacente ao seu aparecimento e as novas formas institucionais derivadas de tais influências provocaram impactos marcantes nas identidades sociais e na intimidade das pessoas. Segundo Giddens, “a modernidade

altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais da nossa existência” (2002, p. 9). Tal idéia revela a interconexão entre as influências globalizantes advindas da modernidade e as transformações pessoais e, conseqüentemente identitárias, como conceitos relacionados, profundamente imbricados e que sustentam um pensar interdisciplinar e dinâmico.

A modernidade pode ser entendida, de forma muito geral, como equivalente ao mundo industrializado, capitalizado, produtor do Estado-nação em contraposição à sociedade tradicional ligada aos mistérios, ao mito, ao ritual. A cultura da razão, fenômeno da modernidade, rompe definitivamente com a autoridade do mestre e com os mistérios, e a humanidade passa a ser amparada pela autoridade da consciência. O Iluminismo, marcadamente a primeira corrente filosófica responsável pelo surgimento de tais mudanças, desenvolve-se a partir da valorização da “luz natural” ou “razão”, prometendo responder às perguntas que sempre ecoaram na humanidade. A razão esclarecida passa a ser a chave para iluminar o conhecimento humano sobre a natureza e a cultura. Os avanços civilizatórios modernos colocam o sujeito diante da natureza domesticada, destronando tradições e transformando o comportamento humano.

Descartes é considerado o fundador da racionalidade moderna por romper com a imagem do homem dependente de Deus e subalterno a ele. Coloca a razão — sujeito do *cogito* — como a garantia para bem se conhecer as coisas. Kant estabelece os limites da razão postulando que o conhecimento é sempre limitado e a racionalidade deve ser capaz de dizer como conhecer as coisas e quais coisas. A razão só pode legislar no âmbito do espaço e do tempo, por isso a ciência deve renunciar à explicação de Deus, da imortalidade da alma e da liberdade dos homens porque esta idéia não se oferece no espaço e no tempo (MATOS, 1997).

Marx coloca a história como a única ciência. Para ele, o homem estrutura sua existência pelo trabalho organizando-se por “relações mercantis” e, conseqüentemente, transformando as relações sociais em utilitárias e monetárias. Através das relações de produção, o homem é escravo de um senhor invisível: o mercado. Nietzsche já havia conclamado a morte de Deus inundando o mundo no sentimento de desencantamento quando Weber esboça o ocidente moderno marcado por

(...) processos racionalizadores, (técnicos, formais, instrumentais, científicos) onde os meios (normas, dinheiro, métodos) ganham autonomia sobre os fins, servindo a vários “interesses” e facultando ao agente um controle maior das ações e seus decursos, consoantes a existência de condições mais universalizadas (burocracias, mercados), nunca antes encontradas (NOBRE, 1999).

Diante do desencantamento, a humanidade passa a enfrentar os problemas em uma sociedade que, segundo Weber, é guiada pela “ação racional orientada por fins”, onde os meios objetivados, socializados passam a ser os vários condutores das ações. O dinheiro aparece como um grande Deus e ganha o contorno de valor emocional, orientando a vida econômica e social. A conseqüência destas transformações é o aparecimento de “esferas” com campos de interesse e meios próprios que criam “domínios do mundo” guiados especialmente pelo desenvolvimento da técnica. A temática da vida, mais precisamente sobre o sentido da vida, não existe mais: a realidade torna-se múltipla e fragmentada. A ciência, e com ela o desenvolvimento da racionalidade, rompe definitivamente com suas promessas de responder sobre temas fundamentais da existência humana.

O desenvolvimento de toda a racionalidade humana contextualizado até aqui dá origem à modernidade deslocando vários pressupostos tradicionais e trazendo imensa diversidade de questões. Nesse contexto, nasce a teoria social, especialmente a teoria

crítica fomentada pela Escola de Frankfurt, organizando contundente crítica ao processo de racionalização e à sociedade técnico-científica. A teoria crítica ocupa-se com questões teóricas relacionadas ao marxismo, questionando sua base mecanicista e causal e também a pretensão da humanidade de dominar a natureza, apontando para a necessidade de tematizar pontos levantados pela psicanálise, a saber, os processos psíquicos e simbólicos do inconsciente responsáveis pela formação de nossas identidades e que funcionam de acordo com uma lógica nada comparável à racionalidade. Segundo Matos (1997), “a ciência domina a natureza abolindo matematicamente os acasos através do cálculo estatístico, mas não controla a incoerência da vida”. A teoria crítica trabalha neste vácuo e mostra uma humanidade atravessada por descontinuidades, fragmentação e descentramento.

2.2 Conseqüências da modernidade

Para Giddens (2002), o mundo moderno é um mundo em disparada não só no sentido de rápido ritmo de mudança social, mas também no da amplitude e profundidade com que as práticas sociais e os modos de comportamento são afetados. Para explicar este dinamismo da vida social moderna, o autor lista um conjunto de elementos envolvidos: 1) separação de tempo e espaço; 2) desencaixe das instituições sociais; e 3) reflexividade institucional.

A primeira influência sobre o dinamismo da modernidade — a separação tempo e espaço — difere radicalmente das sociedades tradicionais cujas noções se encontravam conectadas. Na sociedade moderna, há um distanciamento no tempo e no espaço “pressupostos pelo surgimento de formas mais extensas do sistema social” (Giddens, 2002, p. 22). Isso significa que, na maioria das atividades cotidianas, o tempo

e o espaço não estão ligados ao lugar, acarretando a percepção de uma dimensão vazia do tempo. Muitas formas diferentes de tempo vivido foram incorporadas ao cotidiano moderno, que pressupõe a coordenação de ações humanas fisicamente distantes. O “quando” conecta-se ao “onde”, mas não necessariamente pela mediação do lugar.

O processo de separação e esvaziamento do tempo e do espaço é fundamental para a segunda influência sobre a modernidade, que é o desencaixe das instituições sociais. Giddens (2002) justifica a escolha da metáfora “desencaixe” em oposição a “diferenciação” argumentando que a segunda envolve a imagem de progressiva separação de funções como, por exemplo, os modos de organização de atividades difusas em atividades especializadas e precisas; enquanto a primeira dá a noção de “deslocamento das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas do espaço-tempo” (GIDDENS, 2002, p. 24). O autor comenta que este deslocamento é o que quer dizer desencaixe, configurando-se como a chave para a aceleração do distanciamento entre tempo e espaço. Há basicamente dois tipos de mecanismos de desencaixe — fichas simbólicas e sistemas especializados —, que, em conjunto, Giddens (2002) chama de sistemas abstratos. Fichas simbólicas são “meios de troca que têm um valor padrão, sendo assim intercambiáveis numa pluralidade de contextos” (GIDDENS, 2002, p. 24) Um exemplo é o dinheiro. Os sistemas especializados são “modos de conhecimentos técnicos que têm validade independente dos praticantes e dos clientes que fazem uso deles” (GIDDENS, 2002, p. 24). Os sistemas especializados não são somente as áreas especializadas, mas, sobretudo, perpassam as relações sociais e as intimidades do eu, sendo os médicos e analistas exemplos disso.

O terceiro elemento que influencia a modernidade é a reflexividade. Tal fenômeno se dá em conseqüência da transformação do tempo e do espaço em conjunto

com os mecanismos de desencalhe, o que acaba por afastar a vida social de práticas e preceitos preestabelecidos, gerando, assim, a reflexividade. Tal movimento ocorre devido à disposição de revisão da maioria dos aspectos das atividades sociais bem como das relações materiais com a natureza que se processam de forma intensa influenciadas por novos conhecimentos e informações. A reflexividade pode ser entendida como a versão moderna das expectativas do pensamento iluminista, não no sentido em que poderia revelar um conhecimento seguramente fundamentado dos mundos social e natural, mas no sentido de que ela mesma “solapa a certeza do conhecimento” (GIDDENS, 2002, p. 26), implicando-se no princípio metodológico da dúvida — tendência de toda a ciência atual, distanciada do positivismo —, questionando o que é aparentemente estabelecido.

Para Giddens (2002), a modernidade é uma cultura de risco. Não no sentido de que a vida social é mais arriscada do que antes, mas no sentido de que o espaço aberto de relações pode nos conduzir a novas configurações relacionais a partir do projeto reflexivo do eu, como também pode nos conduzir a um deserto ético. A modernidade produz riscos que outras gerações anteriores não tiveram de enfrentar, tais como uma catástrofe ecológica, as possíveis falhas no processo de negociação internacional do controle de armas de destruição de massa e os possíveis colapsos dos mecanismos econômicos, apontando, assim, para o caráter globalizante da modernidade.

2.2.1 Cultura, globalização e pós-modernidade

O processo de globalização traz basicamente duas imagens da cultura. A primeira pressupõe o alastramento de uma determinada cultura até os limites do globo, e a segunda assinala para a compreensão das culturas. Se, de um lado, as culturas

heterogêneas tornaram-se integradas a uma cultura dominante; de outro, também identificamos coisas que eram mantidas separadas e que agora são colocadas em contato e justaposição. Há uma imensa proliferação de culturas cujas expressões de sistemas de crenças, meios de orientação e conhecimento prático se misturam sem princípios claros de organização.

Esta complexidade cultural traz como consequência maior produção, mistura e sincretismo na vida social. Mais pessoas atravessam fronteiras e questionam estereótipos dados como certos. O poder do Ocidente não se mantém sem ouvir o “outro” por presumir que este último se encontre em um estágio anterior de desenvolvimento (FEATHERSTONE, 1997). Não é possível conceber os processos globais em termos de dominação do centro sobre a periferia. O pós-modernismo aponta exatamente para este ponto, e o que inicialmente pode ser visto como o produtor de uma uniformidade cultural — a globalização — pode ser lido também como o despontar consciente de novos níveis de diversidade, fragmentação cultural e colapso das hierarquias simbólicas. Para Featherstone, “se existir uma cultura global, seria melhor concebê-la não como uma cultura comum, mas como um campo no qual se exerçam diferenças, as lutas de poder e as disputas em torno do prestígio cultural” (1997, p. 22).

Os principais aspectos relacionados à pós-modernidade são, segundo Featherstone (1997): 1) um movimento que se afasta das narrativas mestras, fruto da idéia de um sistema unificado e que se aproxima do conhecimento local, da fragmentação, do sincretismo, da alteridade e da diferença.; 2) a dissolução das hierarquias simbólicas que deram origem à indiferenciação de alta cultura e cultura popular; 3) a tendência à estetização da vida cotidiana e um movimento em direção ao consumismo, apagando, de certa forma, a distinção entre aparência e realidade; e, finalmente, 4) a descentralização do sujeito, originando “um jogo superficial com

imagens, sensações e intensidades multifrênicas” (FEATHERSTONE, 1997, p. 69). O autor comenta que a expressão “intensidades multifrênicas” foi cunhada por Jameson e refere-se à

ruptura do senso de identidade do indivíduo, por meio do bombardeamento de signos e imagens fragmentadas, que corroem todo o senso de continuidade entre o passado, o presente e o futuro, toda a crença teleológica de que a vida é um projeto com um significado (FEATHERSTONE, 1997, p. 69)

Tal posição pode, em um momento inicial, parecer extremamente niilista, mas pode apontar também para o nascimento de um processo que permite maior intercâmbio de diferenças, dando visibilidade a campos globais e locais.

Para Giddens (2002), as transformações na auto-identidade e a globalização são fruto da dialética entre o local e o global, ou seja, as transformações de aspectos da vida pessoal encontram congruências com processos sociais mais amplos. Aliás, Giddens (2002) fala sempre de auto-identidade, porque se refere ao processo reflexivo da modernidade que, segundo ele, se estende ao núcleo do eu de forma que o eu se torna um projeto reflexivo.

2.2.2 O feminismo no espaço histórico da modernidade

Um dos grandes marcos da pós-modernidade ou da modernidade tardia, conforme autores como Giddens (1992, 2002) nomeiam, foi o movimento feminista que se configurou tanto como uma teoria crítica quanto como um movimento social. Ele foi o responsável por tematizar a “intimidade” questionando as dimensões “subjetivas” e “objetivas” da política, dos sujeitos e do social, dando visibilidade a novas arenas da

vida social, a saber, a família, a sexualidade, o trabalho doméstico e a divisão sexual do trabalho.

O plano conceitual central do movimento feminista é a diferenciação entre sexo – entendido como diferença biológica – e gênero – entendido como uma produção cultural. As características de gênero eram tradicionalmente reconhecidas como “naturais” e não como socialmente construídas. A idéia de construção social é fundamental porque nos coloca diante do reconhecimento de que o que é construído é susceptível de mudança. Este é o elemento central dos estudos de gênero: as desigualdades e os sistemas que geram desigualdades podem ser transformados. As desigualdades localizam-se na realidade atravessada por múltiplos sistemas de diferenciação e hierarquização. Os conceitos de diferença e desigualdade produzem uma certa confusão, e algumas pessoas consideram que, ao se buscar promover a igualdade, ignora-se a diferença (TAMAYO, 2003), mas a questão-chave é observar como uma diferença é convertida em desigualdade.

Para Hall (1997), o feminismo teve relação direta com a noção moderna de descentramento do sujeito quando questionou a clássica distinção entre dentro e fora, privado e público, e quando politizou a identidade, ou seja, a forma como somos posicionados no mundo social enquanto homens/mulheres, homossexuais/heterossexuais, mães/pais, filho/filha, etc. Ao chamar a atenção para o caráter construído do gênero, a teoria feminista questiona as oposições binárias, que são as responsáveis pela fixação das identidades. O que começou como um movimento de mulheres que contestavam suas posições sociais passou a questionar de forma ampliada a formação das identidades sexuais e de gênero.

A partir de então, o palco da modernidade é tomado por intimidades (GIDDENS, 1993), problemas pessoais, crises e sofrimentos que se relacionam com o

panorama social, na medida em que as circunstâncias sociais não podem ser consideradas separadas da vida pessoal e nem pano de fundo para ela. Segundo Giddens, “ao enfrentar problemas pessoais, os indivíduos ativamente ajudam a reconstruir o universo da atividade social à sua volta” (2002, p. 18). Para ele, a esfera das relações pessoais oferece espaços de intimidade e auto-expressão inconcebíveis nas sociedades tradicionais, dando origem à reflexividade. A consequência disto é que a auto-identidade tem que ser constantemente alimentada por narrativas biográficas coerentes, embora constantemente revisadas, num contexto de múltiplas escolhas.

O movimento feminista foi o responsável por muitas modificações culturais, dentre elas, o desenvolvimento teórico do conceito de gênero, dando visibilidade a questões-chave para entender as construções sociais da identidade, o sistema de representação que gera posições-de-sujeito e os mecanismos de poder envolvidos nesta dinâmica, como já discutido no capítulo anterior. Passamos agora a discutir de forma aprofundada o conceito de gênero e o desenvolvimento do conceito de masculinidade.

2.3 Conceito de gênero

O conceito de gênero é um construto analítico que diz respeito à organização social dos sexos. O plano conceitual central, para se entender o gênero, passa pela diferenciação entre sexo e gênero, sendo que o primeiro se refere às características e diferenças biológicas que correspondem a homens e mulheres, e o segundo, às construções sociais e culturais que se desenvolvem a partir dos elementos biológicos. Judith Butler (1990) comenta que o gênero não é um atributo fixo dado a alguém e deve ser visto como uma variável fluida que muda em diferentes contextos e tempos. A autora argumenta que o sexo (macho, fêmea) parece ser a causa do gênero (masculino,

feminino), que, por sua vez, causa o desejo (direcionado ao outro gênero). Isto parece uma construção binária, e Butler — seguindo a inspiração de Foucault — quebra esta lógica dizendo que o gênero e o desejo são flexíveis, livres e não causados por outros fatores. A autora comenta “não há identidade de gênero atrás de expressões de gênero; a identidade é constituída performativamente pelas várias expressões” (1990, p. 25). Em outras palavras, gênero é uma *performance*, é o que fazemos em situações e formas diferentes mais do que o universal “quem é você?”. Assim como a teoria dos atos de fala¹² (Austin, 1999), o gênero não se limita ao que somos ou ao que temos, mas se estende ao efeito produzido pelo que fazemos. Segundo Butler, “gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos entre o enquadramento altamente regulatório que se congelou através do tempo para produzir a aparência de substância, de um tipo natural de ser” (1990, p. 33).

Cameron *et al.* (1988) sugerem que a vantagem deste prisma se encontra na noção de variedade de identidades de gênero que este pode gerar e, conseqüentemente, na variedade performática que o comportamento pode assumir. A idéia da identidade não deve ser conectada com uma essência, mas com um caráter performativo e construído. Butler (1990) comenta que a configuração cultural do gênero é tomada como naturalizada e hegemônica e afirma que, apesar disso, podemos encontrar mobilizações, subversões, confusões e uma proliferação de gêneros e, conseqüentemente, identidades.

¹² Na teoria dos atos de fala de Austin (1999) são consideradas três dimensões: 1) ato locucionário — a locução ou a unidade de fala (perguntar ou responder uma pergunta, dar informação, declaração ou aviso, anunciar um veredicto ou uma intenção, pronunciar sentenças, fazer críticas, fazer uma identificação ou dar uma descrição); 2) ato ilocucionário — a intenção de fala; e 3) ato perlocucionário (ou performativo) — a ação que se dá em conseqüência de uma locução, como, por exemplo, o ato de fechar uma janela diante da declaração “está frio aqui!”.

Scott sugere que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (1995, p. 16). A autora comenta que tais proposições estão imbricadas e devem ser consideradas analiticamente. Como elemento constitutivo das relações sociais, a categoria analítica de gênero permite a leitura de fenômenos sociais a partir de vários ângulos. Em primeiro lugar, deve-se considerar os símbolos culturalmente disponíveis como portadores de representações simbólicas e, freqüentemente, contraditórias sobre uma realidade. Em segundo, “os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se reforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas” (SCOTT, 1995, p. 14). Estes conceitos são veiculados pelas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas, jurídicas e tomam a forma de uma oposição binária. Scott (1995) chama a atenção para este ponto, dizendo que estas afirmações normativas estão sujeitas a confrontações e mudanças e devem ser foco das pesquisas que incluem a leitura do gênero. A lingüística e, principalmente, os estudos relacionados com a Lingüística Sistemico-Funcional sempre privilegiaram este prisma, desenvolvendo pesquisas sobre como os textos publicitários criam e fortalecem modelos sexistas e conservadores dos papéis de gênero e da sexualidade (FIGUEIREDO, 1995; HEBERLE, 1995; OSTERMANN, 1995).

Um terceiro ponto importante a ser considerado é a conexão do conceito de gênero com práticas políticas ampliando a influência de tal conceito para a leitura dos fenômenos da sociedade moderna, tais como o mercado de trabalho sexualmente segregado, a educação diferenciada e o sistema político, cujo sufrágio universal faz parte do processo de construção de gênero. O quarto aspecto do gênero é a questão da identidade subjetiva — legado da psicanálise —, e Scott (1995) afirma que tal teoria

não inclui o questionamento histórico necessário para a leitura do gênero. As pesquisas relacionadas com a temática de gênero devem incluir as análises das “maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas” (SCOTT, 1995, p. 15).

A respeito da segunda proposição — de que o gênero é uma primeira maneira de dar significados às relações de poder —, Scott (1995, p. 15) explicita que

seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter construído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas.

Scott (1995, p. 18) comenta também que,

estabelecidos como um conjunto de objetivos de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que estas referências estabelecem distribuições de poder (controle ou um acesso diferencial às fontes materiais e simbólicas), o gênero torna-se envolvido na concepção de poder em si mesmo.

Os estudos de gênero configuram-se como uma crítica teórica e como um movimento social que se compõe pelo questionamento das dimensões “subjetivas” e “objetivas” da política, dos sujeitos e do social, dando visibilidade a novas arenas da vida social, a saber, a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão sexual de trabalho e o cuidado das crianças (HALL, 1997). O gênero é uma forma através da qual a prática social é ordenada e a conduta cotidiana é organizada em relação à arena reprodutiva humana. Esta arena nos diz do processo histórico que envolve o corpo não como um conjunto biológico de determinantes físicos, mas como uma prática que

constantemente se refere aos corpos e ao que os corpos fazem. Para Connell, o gênero “marca um daqueles pontos de transição no qual o processo histórico substitui a evolução biológica como forma de mudança” (2005, p. 71). Para esse autor, a maior estrutura de todas as sociedades documentadas refere-se à arena reprodutiva.

A prática social não é estanque, pois responde a situações particulares e é gerada entre as relações sociais. Tal dialógica entre prática social e relações sociais articulada às dinâmicas sociais nos dá a noção necessária de processo incorporando uma visão dinâmica da prática social na qual masculinidade e feminilidade podem ser entendidas como projetos de gênero (CONNELL, 2005). Este autor propõe considerar o gênero a partir de relações de: 1) poder; 2) produção; e 3) catexia. Segundo ele, estes três pontos podem auxiliar nas análises e se configurarem como importantes tópicos da construção da masculinidade.

As relações de poder na organização do gênero traduzem-se pela subordinação das mulheres e pela dominância dos homens — legado da estrutura patriarcal. Segundo o autor, esta estrutura geral existe independentemente de outras configurações locais e persiste apesar das resistências, principalmente do movimento feminista. As relações de produção dizem respeito à divisão do trabalho, que obviamente trazem consequências econômicas não só no nível de diferenças salariais, mas precisamente no processo de acumulação gerenciado pela economia capitalista. O que pode ser chamado de acidente estatístico, ou seja, o fato de as maiores corporações e fortunas pessoais serem de homens, pode ser também considerado como uma questão de gênero e, mais precisamente, como importante tópico na construção da masculinidade. A catexia diz respeito ao desejo sexual que, por sua vez, é organizado de acordo com a ordem de gênero. As práticas que organizam o desejo sexual podem ser vistas também como questões políticas, na medida em que podemos perguntar se elas são consensuais ou

coercitivas, se o prazer é igualmente dado e recebido. Connell (2005) comenta que há estreita relação entre heterossexualidade e a posição de domínio social masculino.

De forma sintética, os estudos de gênero serão empregados nesta pesquisa para investigar os mecanismos utilizados pelos participantes para criar efeitos de identidade e de relacionamento com o mundo.

2.4 Identidade masculina e movimentos da masculinidade

Nós sabemos o que significa “ser um homem” porque há uma representação da masculinidade como um conjunto de significados socialmente naturalizados. Uma representação é um discurso, um modo de construção de sentidos que influencia e organiza as nossas ações, bem como a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 1995). Assim, os discursos, quando constroem sentidos, fazem com que possamos nos identificar e construir identidades.

A identidade masculina passou a ser tema de discussão, principalmente após o advento do movimento feminista que discutia as relações de gênero. Antes, os homens brancos de classe média, quando se olhavam no espelho, viam-se como seres humanos universalmente generalizáveis. O homem não teria gênero, e, de forma muito distinta dos pobres, negros, mulheres, gays e todos os diferentes, sua identidade era fixa e estruturada. A partir dos anos 1970, os homens passam a se integrar no debate sobre gênero, desenvolvendo outros discursos sobre a masculinidade. Em muitos países (Estados Unidos, Canadá, Austrália, Inglaterra) surgiram movimentos de homens que desafiavam as construções androcêntricas e tinham a intenção de inaugurar outras formas de posicionamento masculino frente à mudança das mulheres. Méndez (1998) observa cinco vertentes destas organizações: o movimento mitopoético, o movimento

pelos direitos dos homens ou *men's right*, o fundamentalismo masculino, o movimento profeminista e o movimento das terapias da masculinidade.

O movimento mitopoético, liderado pelo poeta Robert Bly, surgiu nos Estados Unidos ao final dos anos 1980 e foi associado à etapa conservadora do governo Reagan e à sociedade anglo-saxônica contrária à luta feminista. Este movimento, formado principalmente por homens brancos, de classe média e frustrados com a exigência de êxito laboral para o qual foram socializados, preconizavam um trabalho introspectivo dos homens e não se opunham às mudanças das mulheres, mas também não se ocupavam das discussões sobre a desigualdade e se mantinham longe das discussões acadêmicas.

O movimento pelos direitos dos homens — *men's right* — é mesclado por defensores de direitos patriarcais e defensores de direitos igualitários e surgiu também ao final dos anos 1980, inicialmente nos Estados Unidos e, logo depois, na Europa, a partir de discursos que denunciavam situações sociais favoráveis às mulheres e adversas a eles. Tais grupos questionavam as representações sobre a violência de gênero bem como as políticas públicas voltadas para as mulheres e criticavam também a veiculação da imagem do homem agressor, dizendo que as mulheres são tão violentas quanto os homens. Grande parte da energia deste movimento se expressa pela crítica e os participantes “esperam que as mulheres se calem, já que se questionam seus direitos sentem-se prontamente agredidos” (MÉNDEZ, 1998, p. 5). A ambivalência deste movimento se mostra quando, por um lado, veicula discursos de igualdade, e, por outro, sustenta a crença de que os homens são vítimas da violência, assim como as mulheres. Dentro deste movimento destacam-se também os grupos pelos direitos dos pais (*father's rights*), constituídos na sua maioria por pais separados e divorciados que reclamam dos obstáculos legais que limitam o exercício da paternidade, principalmente quando se trata

da guarda legal das crianças, que tendem a ser das mães. Este grupo tem aumentado o número de adesões e o ativismo social principalmente através da Internet.

O fundamentalismo masculino se opõe à mudança das mulheres e sustenta a restauração extremista da masculinidade tradicional. Dentre outros pontos, reforça a manutenção do papel pai-provedor e da mãe-dona de casa. Muitos grupos nos Estados Unidos e Europa (Inglaterra, por exemplo) configuram-se como espiritualistas e contrários ao aborto, como, por exemplo, o Promise Keepers e a Coalizão Cristã, que têm organizado muitas manifestações populares. Outros grupos são racistas e/ou xenofóbicos e defendem o projeto político de reafirmação da supremacia masculina branca e heterossexual com exaltação dos valores tradicionais da violência e da superioridade.

O movimento profeminista está associado aos movimentos pelos direitos civis e apareceu nos países anglo-saxões e escandinavos no princípio dos anos 1970. Os participantes deste movimento reconhecem a responsabilidade masculina na manutenção da subordinação social das mulheres e fazem uma autocrítica em relação ao próprio exercício do poder. Esse grupo critica a manutenção dos valores tradicionais da masculinidade e a homofobia, incentiva a investigação acadêmica e a formação de grupos de reflexão de homens para discutir e desconstruir os padrões tradicionais da masculinidade e praticar a igualdade com as mulheres.

O movimento das terapias da masculinidade tem basicamente dois grupos distintos. O movimento mitopoético, que produziu a maior quantidade de publicações de auto-ajuda com o objetivo de “compreensão do comportamento masculino para as mulheres” (MÉNDEZ, 1998, p. 8), e o movimento baseado na perspectiva de gênero que, apesar de ter menos publicações, tem importante presença institucional e com

amplitude internacional, freqüentemente influenciando os programas direcionados para homens agressores.

2.4.1 Desenvolvimento do conceito de masculinidade e a pesquisa social

A pesquisa social sobre masculinidade inicialmente centrava-se na discussão do conceito sociológico de papel social. Segundo Connell (2005), havia basicamente duas formas de abordagem do conceito de papel social na teoria de gênero social: em uma abordagem, os papéis sociais eram vistos como específicos em determinadas situações (por exemplo, os papéis sociais dentro do casamento), e, em outra abordagem, ser homem e ser mulher significava desenvolver um conjunto geral de expectativas que estava acoplado ao sexo de cada um e, por consequência, ao papel social. Esta discussão operava com os pressupostos de que os papéis sociais eram bem definidos, que a socialização acontecia de forma harmoniosa e que os papéis sociais internalizados contribuíam para a estabilidade social, para a saúde mental e a *performance* das funções sociais necessárias. As pesquisas sobre papel social se transformaram em um tópico altamente político, na medida em que definiam um problema e sugeriam respostas para a resolução do mesmo (CONNELL, 2005). Para o citado autor, os pressupostos teóricos dos papéis sociais são muito extensos e vagos, visto que podem ser usados para descrever uma ocupação, um *status* político, um hobby, um estágio da vida e o gênero social, além de assumir que tais prescrições são recíprocas e, freqüentemente, não tematizar a iniquidade social e as relações de poder.

As pesquisas atuais sobre masculinidade não ficam limitadas à teoria de papel social por causa da evidência da diversidade e da transformação das masculinidades,

que se tornaram visíveis a partir das pesquisas históricas e etnográficas. Segundo Connell (2005, p. 29),

a partir destes estudos fica claro que a definição de masculinidade está profundamente imbricada na história das instituições e na estrutura econômica. Masculinidade não é só uma idéia na cabeça ou uma identidade pessoal. Ela é também estendida ao mundo e combinada na organização das relações sociais.¹³

Por este ângulo, masculinidade é definida não como um objeto isolado, mas como algo ampliado e que demanda o entendimento da macroestrutura organizacional da sociedade e da identificação de como a masculinidade está localizada nela.

Para Connell (2005), de alguma forma as pesquisas falharam em uma produção coerente sobre a masculinidade. Isso se deve não a acidentes dos cientistas, mas muito mais à impossibilidade da tarefa, porque “masculinidade não é um objeto coerente sobre o qual uma ciência geral pode ser produzida apesar de termos conhecimentos coerentes sobre os tópicos levantados nestes empreendimentos” (CONNELL, 2005, p. 67). Segundo este autor, a construção do conceito de masculinidade só pode ser entendida em contraste com o conceito de feminilidade, porque estes são inerentemente relacionais.

Por se tratar de um conceito relativamente recente, as definições sobre masculinidade seguiram quatro estratégias diferentes, segundo Connell (2005): as definições essencialista, positivista, normativa e semiótica. Vale ressaltar que cada uma delas operava a partir de uma lógica preestabelecida e que, ao mesmo tempo que definiam uma noção — a masculinidade —, também construíam esta mesma noção.

A definição essencialista procurava delimitar o “núcleo da masculinidade”, com o objetivo de capturar a “essência da masculinidade” e definir a “verdadeira

¹³ Minha tradução de: “It is clear from such studies that definitions of masculinity are deeply enmeshed in history of institutions and of economic structures. Masculinity is not an idea in the head, or a personal identity. It is also extended in the world, merged in organized social relations.”

masculinidade”. O problema da abordagem essencialista é que a escolha do que definir como essência é totalmente arbitrária. O pressuposto sobre a “base universal da masculinidade nos diz mais sobre o *ethos* do requerente do que de qualquer outra coisa” (CONNELL, 2005, p. 69).

A ciência social positivista trabalhava com uma definição simplificada sobre a masculinidade: o que os homens realmente são. A “lógica básica”, “discriminada estatisticamente” e os “padrões da masculinidade” são os pressupostos desta abordagem. A primeira dificuldade advém da impossibilidade de se fazer uma descrição sem um ponto de partida e, por este motivo, a aparência neutra de tais pressupostos guarda muitas impressões sobre os gêneros. A segunda dificuldade advém do uso de tipologias de senso comum sobre os gêneros, as quais podem gerar tipificações tidas como fixas, não incorporando a noção de dinâmica e de processo, tão importantes para a análise de gênero. A terceira dificuldade é a tendência a regular o caráter dinâmico que o gênero deve ter a partir de construtos, tais como a mulher masculina, o homem feminino, atitudes masculinas, atitudes femininas considerando as diferenças de gênero em bloco e, conseqüentemente, desprezando as formas que diferem homens entre eles mesmos e mulheres entre elas mesmas.

A definição normativa reconhece as diferenças e oferece um padrão: masculinidade é o que os homens devem ser. Muitos estudos foram desenvolvidos sobre a mídia e tratavam da norma social de comportamentos masculinos, por exemplo, de atores como James Dean, que marcou época com seu estilo rebelde. Esta perspectiva pode se aproximar um pouco da abordagem essencialista.

A abordagem semiótica define masculinidade “através de um sistema de diferença simbólica no qual os lugares femininos e masculinos são contrastados” (CONNELL, 2005, p. 70). Esta abordagem escapa da arbitrariedade do essencialismo

bem como dos paradoxos das definições positivista e normativa. O princípio de conexão e a idéia de que um símbolo¹⁴ só pode ser entendido em relação a um conjunto sistemático de símbolos faz com que, através desta abordagem, a noção de masculinidade só possa ser tematizada em um sistema de relações de gênero. Mais do que definir masculinidade como um objeto (uma característica, um comportamento, uma norma) é preciso

focalizar no processo e relacionamento através do qual homens e mulheres conduzem suas vidas baseadas no gênero. Masculinidade [...] é simultaneamente um lugar nas relações de gênero, a prática através da qual homens e mulheres comprometem-se com este lugar no gênero e os efeitos destas práticas nas experiências corporificadas, na personalidade e na cultura (CONNELL, 2005, p. 71).

2.4.2 Relações e práticas envolvidas na construção social da masculinidade

Considerando o gênero como uma metáfora que organiza práticas sociais simbólicas e como um construto teórico que pode ser localizado de forma ampla na sociedade, Connell (2005) propõe pensar algumas práticas e relações envolvidas na construção da masculinidade. O autor lista quatro pontos a serem considerados na cultura ocidental: hegemonia, subordinação, cumplicidade e marginalização.

O conceito de hegemonia, derivado das análises sobre relações de classe de Gramsci, refere-se às lutas através das quais um determinado grupo lidera e sustenta uma posição na vida social. A masculinidade hegemônica diz respeito à legitimidade garantida (ou tida como garantida) do patriarcado que pressupõe a posição dominante

¹⁴ A semiótica social não utiliza a nomenclatura “símbolo”, pois esta se refere à convenção ou contrato do signo, como, por exemplo, uma bandeira pode ser considerada um símbolo de um país. Para a semiótica social, importa o caráter motivado do signo. Os semioticistas culturais Optam, portanto, por utilizar o termo signo para fazer referência à dinâmica de construção social deste. O sentido em que os autores usam o termo símbolo ou signo parece o mesmo, tratando-se apenas de um recorte importante a ser feito para a teoria da semiótica social por este ser um conceito-chave. Nesse sentido, será mantido o termo original que os autores atribuem a um mesmo aspecto, sem comprometer o sentido dos termos.

dos homens, e a dinâmica social mostra que, em determinados momentos, uma forma de masculinidade é exaltada em detrimento de outras. A hegemonia só pode ser estabelecida se houver correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional. Assim, os altos cargos de negócios e as posições militares e governamentais podem ser considerados desfiles da masculinidade hegemônica. Este lugar de autoridade tem mais poder do que a violência direta, apesar do uso desta última marcar um espaço de autoridade. Para Connell (2005, p. 77), a masculinidade hegemônica “corporifica uma estratégia correntemente aceitável”. Méndez (1996) chama a atenção para o desenvolvimento dos “micromachismos” que, segundo o autor, são “mini obras interpessoais usadas pelos homens para dominar as mulheres” e partes “invisíveis” da relação cotidiana tais como: intimidações, tomada repentina de mando de exercício, apelação ao argumento lógico, insistência abusiva, abuso da capacidade feminina de cuidar, exploração emocional, dentre outros exemplos. O conceito de hegemonia deve ser visto sempre em processo, e, quando as bases de domínio são modificadas, outro grupo entra em configuração buscando hegemonia.

A hegemonia relaciona-se com a dominância cultural como um todo e, havendo relação de dominação, há também relação de subordinação entre os grupos. A maior expressão desta questão na construção da masculinidade ocidental se dá através da dominação heterossexual e da subordinação homossexual. Segundo Connell (2005), esta questão ultrapassa a estigmatização cultural dos homossexuais ou da identidade gay. Homens gays são subordinados aos homens heterossexuais por um conjunto material de práticas que inclui exclusão política e cultural, violência urbana (variando de intimidações a assassinatos), discriminação econômica e boicotes pessoais. Para a ideologia patriarcal, a homossexualidade é o repositório de tudo o que é simbolicamente excluído da masculinidade hegemônica, “desde o gosto enfadonho pela decoração de

casa até o prazer anal”(CONNELL, 2005, p. 78). Do ponto de vista da masculinidade hegemônica, a identidade gay é facilmente relacionada com a feminilidade.

Apesar de poucos homens compartilharem destes padrões ideais hegemônicos, a maior parte se beneficia deles. A maioria dos homens tem algum tipo de conexão com o projeto hegemônico e, por causa disso, Connell (2005) propõe tematizar a terceira forma de relação e prática da masculinidade: a cumplicidade. Este autor comenta que tal conceito equivale ao entusiasmo que se sente ao assistir a uma partida de futebol pela TV e ao fato de ser você mesmo quem está jogando a bola. Há uma relação de cumplicidade dos homens pelo projeto hegemônico.

Os três conceitos desenvolvidos até aqui — hegemonia, subordinação e cumplicidade — participam ativamente da dinâmica interna do gênero, contudo, outros aspectos, tais como classe e raça, também mantêm estreita relação com a masculinidade. As relações de raça podem se tornar parte integral da dinâmica entre as masculinidades. Em um contexto de supremacia branca, o homem negro desempenha um papel simbólico na construção da identidade masculina branca. Aqui também o que pode ser chamado de acidente estatístico, ou seja, as maiores ocorrências de desemprego e violência entre os homens negros, pode ser lido como um problema de gênero. A marginalização se refere à autorização que não se tem para o desenvolvimento do projeto hegemônico de um grupo dominante. A relação entre marginalização e autorização pode ser identificada entre masculinidades subordinadas.

A dinâmica entre hegemonia, dominação/subordinação, de um lado, e marginalização/autorização, de outro, é, segundo Connell (2005), uma moldura — mesmo que provisória — para analisar as masculinidades, lembrando sempre que, ao se falar de masculinidade hegemônica ou masculinidade marginalizada, não se busca fixar

tipos e/ou características, mas configurações de práticas geradas em situações particulares em uma estrutura móvel de relacionamentos (CONNELL, 2005).

A importância de discutir o tema da masculinidade só toma sentido na modernidade por se tratar de um construto que só recentemente começou a ser desvendado. Neste ponto, passamos à análise do *corpus* da pesquisa, desvendando os arranjos semióticos produzidos pelos participantes no momento em que representam a identidade masculina.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa se configura como qualitativa e de cunho etnográfico com observação participante. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o *focus group* ou grupo focal. A pesquisadora participou como observadora, atrás da câmera que gravava o grupo. O grupo focal é basicamente uma entrevista de grupo, não no sentido de alternância entre as perguntas do pesquisador e as respostas dos participantes da pesquisa, mas no sentido de discussão de um tema específico. Morgan (1997) comenta que os tópicos da pesquisa são providos pelo pesquisador, e o marco oficial do grupo focal é o uso explícito da interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam menos acessíveis do que a interação grupal e também é uma forma de produção sobre um tópico específico de interesse da pesquisa. A escolha desta técnica específica para a coleta de dados desta pesquisa se dá a partir da composição ideal de um tipo de ambiente onde os participantes podem expressar livremente suas representações, falando de experiências próprias e revelando a diversidade social e sua relação com essa realidade. Outro ponto importante a ser destacado é que os dados gerados por esta técnica se apresentam próximos ao gênero textual conversa, compondo um texto narrativo de opinião que pode ser considerado o uso mais freqüente da linguagem oral.

Apesar de a investigação nesta pesquisa focalizar especificamente a construção e a negociação discursiva da identidade masculina, a proposta era que o grupo fosse composto por sujeitos (adolescentes e jovens adultos) do sexo feminino e do sexo masculino. O total de sujeitos da pesquisa foi 9, sendo 4 homens e 5 mulheres. As cinco mulheres (14, 15, 17, 18 e 19 anos) estavam na escola e não trabalhavam formalmente fora de casa. Dois homens (ambos com 19 anos) estavam na escola e também não

tinham nenhum trabalho formal fora de casa. Um homem (25 anos) estava desempregado e outro (26 anos) tinha trabalho informal (bicos).

A comunidade na qual se deu a coleta de dados é localizada num aglomerado em Belo Horizonte. Ela possui um posto de saúde, duas escolas públicas e uma igreja católica, que também funciona como ponto cultural da comunidade, porque desenvolve vários projetos relacionados com artes em geral (artesanato, música, teatro, dança). A coleta de dados aconteceu em uma sala da casa paroquial desta comunidade, na qual os participantes e a coordenadora foram dispostos ao redor de uma mesa oval.

Após a composição do grupo, a coordenadora apresentou-se, deu boas-vindas aos participantes, que seguiram fazendo uma pequena apresentação pessoal, dizendo os nomes e o que fazem. Depois da repetição das informações básicas,¹⁵ ou seja, o objetivo do grupo focal e qual o foco de discussão, os participantes foram convidados a registrar em folha de papel “o que é ser homem — listando as vantagens e desvantagens” e “o que é ser mulher — listando as vantagens e desvantagens”. O grupo foi dividido em dois — homens e mulheres —, e cada grupo teve aproximadamente 20 minutos para discutir o tópico entre si e registrar os tópicos de discussão na folha de papel. Após esta fase, passou-se à discussão dos tópicos levantados pelos participantes.

O grupo teve duração média de 100 minutos com registro em gravação VHS. Os dados foram transcritos de acordo com a tabela do Anexo 1. Além de transcrever as falas dos participantes, foram registrados outros modos semióticos, tais como o olhar e os gestos mais significativos no contexto temporal em que a comunicação acontecia.

A análise dos dados seguirá duas etapas distintas: microanálise e macroanálise. A primeira parte — microanálise — compreende a análise lingüística propriamente dita

¹⁵ Pedi a uma liderança jovem que convidasse os participantes. Ela foi orientada a dizer que se tratava de um grupo que seria filmado com o objetivo de pesquisa e que discutiria sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. O curioso é que dois convidados homens não compareceram ao grupo, e a liderança jovem tomou a iniciativa de chamar dois outros jovens que estavam na rua no momento da coleta de dados.

orientada por Eggins (1994) discutida nos tópicos 1.6.1 e 1.6.2 do Capítulo 1. O foco central desta análise consiste no mapeamento das escolhas lexicais e na organização delas em redes lexicais segundo as relações taxonômicas e de expectativa. Outros recursos semióticos, principalmente olhar e gestos, também foram listados, formando arranjos semióticos juntamente com as escolhas lexicais, de acordo com a teoria da multimodalidade de Kress e Van Leeuwen (2001) discutida no tópico 1.7 do Capítulo 1. A seleção de qual recurso semiótico listar foi orientada pelo que consideramos mais relevante para o processo comunicativo da mensagem, buscando a conjugação das escolhas lexicais e dos recursos semióticos. Por se tratar de dados espaciais e temporais — uma interação —, torna-se impossível listar todos os modos semióticos¹⁶ do olhar, por exemplo. Isto porque, além de serem vários participantes,¹⁷ durante a interação foram gerados inúmeros vetores a partir do olhar (Kress e Van Leeuwen, 1996) impossíveis de serem catalogados num período maior de tempo. O critério de escolha direciona-se para a observação das regularidades de uso de determinados recursos semióticos bem como o uso deles de forma impactante: por exemplo, um susto demonstrado através de olhos arregalados.

Seguindo a microanálise, foram listados também os participantes da conversa e os participantes dos quais se diz algo. Tal classificação se fez necessária a partir da observação de que, muitas vezes, os sujeitos da pesquisa se referiam a eles mesmos como grupo de homens e mulheres e, outras vezes, falavam em homens e mulheres de forma em que não se incluíam nesta categoria, ou seja, determinados Participantes homens e mulheres dos quais falavam não representavam o seu grupo e eram usados de

¹⁶ Utilizamos o termo “recursos semióticos” de forma genérica, representando todas as possibilidades de escolhas envolvidas neste sistema. Usamos o termo “modos semióticos” quando se tratar especificamente de um recurso semiótico, como, por exemplo, o olhar, o sorriso, os gestos com as mãos, etc.

¹⁷ Utilizamos o termo participante em minúscula referindo-nos aos sujeitos da pesquisa. O termo Participante em maiúscula refere-se à categoria gramatical da Linguística Sistemico-Funcional que indica aquele que está envolvido no Processo (verbo, na gramática tradicional).

forma genérica. Primeiro foram listados os Processos e os Participantes, e estes últimos foram divididos em dois grupos: Participante Interactante e Participante Representado.¹⁸ Chamamos de Participante Interactante os sujeitos da interação (os jovens e a coordenadora) e os Participantes lingüísticos (textuais) que fazem referência a eles, como, por exemplo, quando diziam um ao outro “eu” e “você”. Chamamos de Participante Representado os Participantes lingüísticos que aparecem no texto representando um grupo no qual os Participantes Interactantes não se incluem.

A segunda parte da análise — macroanálise — compreende a análise discursiva que foi delineada a partir da análise lingüística. Neste ponto, foi importante mostrar qual a maior rede lexical ativada pelos sujeitos da pesquisa e qual escolha lexical dá origem a esta rede, bem como o desenvolvimento dela. Os recursos semióticos listados juntamente com as escolhas lexicais funcionam como o núcleo do significado potencial daquela comunicação, assim, serão analisados os níveis do *design*, da produção e do discurso, segundo Kress e Van Leeuwen (2001), a partir dos arranjos semióticos das escolhas lexicais e outros modos semióticos. As escolhas e os recursos semióticos formam o nível do *design*, assim como o significado potencial ativado por eles se relaciona com a produção do discurso. O objetivo é chegar à forma como a realidade é representada, dizendo do significado experiencial sendo realizado no texto. Procurou-se delinear também como os arranjos semióticos determinados pelas escolhas lexicais e pelos outros recursos semióticos produzem efeitos de ideologia e, principalmente, qual a relação deles com o contexto do gênero e, mais especificamente, com a construção da masculinidade.

¹⁸ Estes termos foram utilizados a partir da gramática do *design* visual de Kress e Van Leeuwen (1996). Os autores aplicam estas categorias a imagens e, portanto, dentro de uma dimensão espacial. No entanto, a transposição de tais termos para um contexto que inclui as dimensões espaciais e temporais não traz problemas de incompatibilidade conceitual, já que a gramática proposta por estes autores é baseada na interação face a face.

A macroanálise será ampliada identificando o que está sendo representado (que tipo de identidade) e como está sendo representado mapeando os pontos de tensão de poder. A escolha do foco desta pesquisa — constituição da identidade masculina — se dá em razão da possibilidade de investigação mais apurada desta temática. Obviamente, a constituição da identidade feminina será chamada a dialogar em muitos pontos necessários, já que são conceitos imbricados.

Fragmento de análise 1

Sentimento

Este fragmento foi escolhido para ser analisado devido à riqueza de recursos semióticos envolvidos na interação e ao impacto que tal discussão causou nos participantes. O grupo já havia conversado por cerca de 40 minutos quando surgiu esta discussão, e podemos identificar bastante espontaneidade na interação.

Esta análise será subdividida em 3 partes por se tratar de um texto maior. Em cada parte serão catalogados os modos semióticos, as escolhas lexicais e os Participantes de homens e mulheres separadamente, com o objetivo de demonstrar a diferença representacional que cada um vai construindo no discurso, conforme representado anteriormente na rede semântico-discursiva da interação.

Nesta primeira parte, as mulheres explicam a produção textual que executaram em grupo e lêem as desvantagens que, de acordo com a percepção delas, estão envolvidas com a condição de ser homem. Nesta parte começo a transcrição.

Microanálise

Coordenadora - E as desvantagens?

Evelyn ♀ - (1) A desvantagem pra alguns é servir exército.

Rodrigo ♂ - (2) NOSSA, falô tudo ((ri e olha para os homens)).

Eduardo ♀- (3) Ficar desempregado ((Rodrigo e Eduardo balançam a cabeça afirmativamente)) e não saber amar ((Eduardo pára de balançar a cabeça por 3 segundos, torna a balançar, olha para Suzana e as mulheres riem.))

Suzana ♀- (4) Oh, os dois ((olhando para os homens))

[[(risos) (3:0)

Eduardo ♂- (5) (levantando o olhar para Suzana, mas continuando com a posição abaixada) DEPOIS desse negócio aqui a gente vamo conversá eu quero saber o que você quis dizer com isto

[[(risos)

As formulações apontadas pelas mulheres causam forte impacto nos homens, o que fica demonstrado pelas posturas corporais listadas aqui (principalmente período (3)). De forma geral, os homens encontram-se inclinados sobre a mesa, com os ombros encolhidos e freqüentemente fazem contato visual entre si, demandando atenção e aprovação, enquanto as mulheres apresentam-se com posturas corporais eretas. Quando Evelyn fala “ficar desempregado”, os homens balançam a cabeça concordando, mas a reação mais marcante se dá quando ela fala “e não saber amar”, gerando um choque em Eduardo, que pára de balançar a cabeça, demonstrando surpresa com a afirmação. Os risos das mulheres complementam a interação, porque indicam que elas percebem claramente a reação de espanto de Eduardo. A postura corporal abaixada dos homens também pode ser considerada como demonstração de constrangimento na interação. Os modos semióticos mais relevantes utilizados neste fragmento podem ser sintetizados de acordo com os quadros 3 e 4, a seguir:

Quadro 3 - Modos semióticos utilizados pelos homens

postura corporal abaixada
risos
olhares de demanda
balançar a cabeça concordando
Parar de balançar a cabeça subitamente

Quadro 4 - Modos semióticos utilizados pelas mulheres

risos
olhares de demanda

Neste fragmento de texto, a coordenadora inicia a construção discursiva dos participantes quando pergunta “e as desvantagens?”. Verificamos que esta escolha lexical é retomada pelas mulheres que afirmam que a “desvantagem para alguns” (1) é “não saber amar” (3). Consideramos a realização complexa “desvantagem para alguns” como Participante e a colocação “não saber amar” como pontos importantes através dos quais o discurso seguirá, como veremos na segunda parte da análise do fragmento. O ápice deste trecho da interação refere-se ao momento em que a escolha lexical “não saber amar” aparece acompanhada de espanto pelo grupo de homens e, como veremos a seguir, é o ponto central que organizará a rede discursiva das mulheres. As escolhas lexicais ativas pelas mulheres estão resumidas no Quadro 5:

Quadro 5 - Escolhas lexicais usadas pelas mulheres

Desvantagem para alguns
Servir exército
Ficar desempregado
Não saber amar

As escolhas lexicais serão dispostas neste momento como possíveis pontos através dos quais o discurso seguirá. No segundo momento da análise, elas começarão a formar a rede semântica-discursiva, como ficará demonstrado a seguir.

Rede 1

1.		servir exército		desvantagem
2.				
3.	ficar desempregado		não saber amar	
4.				
5.				
6.				

Para demonstrar o *design* geral da interação, sintetizamos no Quadro 6 as escolhas lexicais das mulheres e os modos semióticos utilizados pelos homens, para demonstrar o arranjo semiótico.

Quadro 6 - Escolhas lexicais das mulheres e modos semióticos usados pelos homens

<i>Design</i> geral	
Escolhas lexicais das mulheres	Modos semióticos dos homens
Desvantagem para alguns (1)	Debruçados na mesa
Servir exército (1)	Balançam a cabeça afirmativamente
Ficar desempregado (3)	Balançam a cabeça afirmativamente
Não saber amar (3)	Eduardo pára de balançar a cabeça e olha para as mulheres

O significado potencial que este *design* indica é que os homens concordam com algumas das proposições colocadas pelas mulheres quando balançam a cabeça, mas

ficam espantados quando elas argumentam que eles não sabem amar. Tal fato é demonstrado quando um dos participantes pára repentinamente de balançar a cabeça e olha espantado para as mulheres. Na análise discursiva, este ponto será mais desenvolvido.

Além do *design* geral da interação é importante demonstrar quais os Participantes envolvidos neste evento. Como Participante Representado aparece “a desvantagem para alguns” (1) e, de forma elíptica, aparece mais duas vezes no período (3). Como Participante Interactante aparecem “os dois”, “a gente”, “eu”, você” (4, 5, 5, 5) e “ela” (2) na forma elíptica como Participante do Processo “falou”. Nos quadros 7 e 8, as escolhas de Participantes são resumidas separadamente, ou seja, escolhas realizadas por homens e mulheres.

Quadro 7 - Escolhas utilizadas pelas mulheres

Participantes Representados	Participantes Interactantes
A desvantagem para alguns (mais duas vezes de forma elíptica)	Os dois

Quadro 8 - Escolhas utilizadas pelos homens

Participantes Representados	Participantes Interactantes
	A gente, eu, você Ela (de forma elíptica)

De forma geral, as mulheres utilizam mais Participantes Representados, e os homens somente utilizam Participantes Interactantes. Até o final da análise, esta configuração inicial mudará bastante, como veremos a seguir no segundo trecho de análise deste fragmento. A análise das escolhas de Participantes por homens e mulheres será retomada adiante.

Seguindo a análise, neste momento da interação a coordenadora introduz uma pergunta ao grupo, que ria muito. É interessante notar que ela percebeu o impacto do grupo de homens diante da escolha lexical das mulheres (não saber amar) e propôs, assim, que o grupo retomasse a discussão.

[risos

Coordenadora - O que você quis dizer (+) com não saber (+) amar? (+) O que o grupo quis dizer?

Dimitri ♂ - (6) Obrigado pela pergunta ((olhando para baixo))

Diana ♀ - (7) Ah: o homem tem medo de se entregar assim (passa a mão pela mesa em movimentos circulares como se estivesse desenhando na mesa) (+) de se sentir frágil e ele acha (+) ah: eu não sei explicá muito porque o homem acha que se ele assumi um sentimento assim o amor perante a mulher ele vai tá assim((Dimitri e Rodrigo cochicham, Eduardo segura pesadamente a cabeça com o cotovelo apoiado na mesa e olha para Diana))

[

Suzana ♀ - (8) Ele não vai ter a liberdade que ele tem, ele, sei lá, ele vai se entregar totalmente a mulher e não vai (+) vai (+)

[

Diana ♀ - (9) Eu

[

Suzana ♀ - (10) Num sei, eles deve pensá de um jeito assim (inaudível)

[

Evelyn ♀ - (11) Num saber amar aqui é assim

[

Diana ♀ - (12) Eh: o homem deve se sentir muito frágil quando (+) assim

Evelyn ♀ - (13) Que homem é muito desligado ((Dimitri cochicha com Rodrigo e a seguir Dimitri, Rodrigo e Eduardo se olham, riem e se movimentam na cadeira)).

[

Diana ♀ - (14) Eh: homem não gosta de admitir o que senti ((Eduardo olha para Evelyn, abaixa a cabeça e sorri com a mão na frente da boca))

[

Evelyn ♀ - (15) Ele não admiti o que ele senti pela mulher pode sê a coisa mais (inaudível)

[[

Rodrigo e Dimitri ♂ - (16) Nem todos, nem todos

Nesta segunda parte da interação — períodos (7) a (16) —, a coordenadora retoma a discussão e pede para que o grupo de mulheres explique o que quiseram dizer com “não saber amar” (3). Um participante homem, Dimitri, agradece a pergunta feita pela coordenadora de forma tímida, olhando para baixo (6). Durante a interação, os homens cochicham freqüentemente. Os risos e movimentos impacientes nas cadeiras demonstram que tal discussão mobiliza muito o grupo de homens. As mulheres falam interrompendo os turnos umas das outras, até que Dimitri e Rodrigo interrompem as explicações delas dizendo que “nem todos” (16) os homens são do jeito que elas descrevem. No Quadro 9, sintetizamos os principais modos semióticos utilizados pelos homens.

Quadro 9 – Principais modos semióticos utilizados pelos homens

Olhar baixo
Cochicho
Segurar a cabeça com cotovelo apoiado na mesa
Risos
Movimentos corporais na cadeira

A principal rede lexical que podemos observar neste fragmento começa com a escolha lexical “medo” (7) que se liga em relação taxonômica de classe/subclasse com “sentimento” (7) e em relação de expectativa — elemento nominal e elemento verbal —

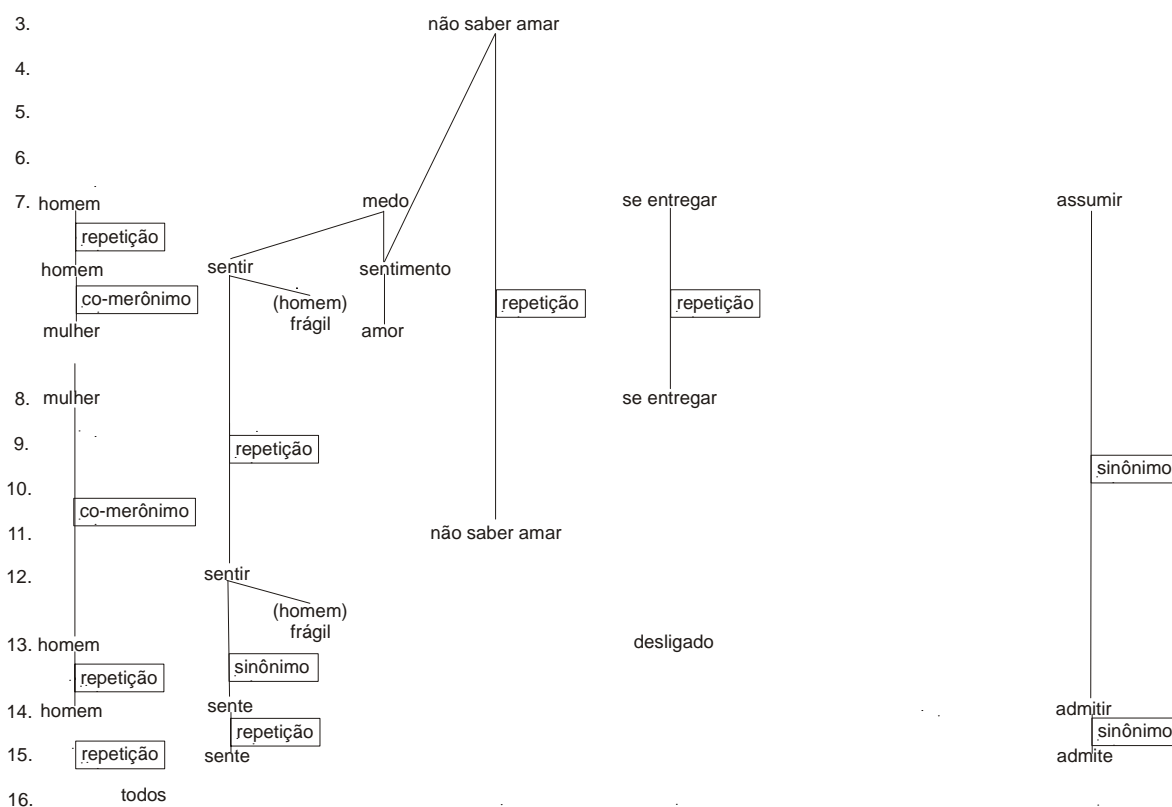
com “sentir” (7). A escolha lexical “sentimento” recupera a primeira palavra que inicia a rede “não saber amar”(3), ligando um elemento nominal com um elemento verbal, pois pode-se considerar aqui “não saber amar” como um Processo. “Sentimento” (7) — que é superordenado — também se liga em relação taxonômica — classe/subclasse — com “amor” (7). “Sentir” (7) se liga em relação de expectativa — elemento verbal com elemento nominal — com “(homem) frágil”(7), que se liga novamente em relação de repetição com o item “(homem) frágil” (12). “Sentir” também se liga em relação de repetição e sinonímia com “sentir” (12) e “sente” (14), que se repete novamente no período (15). O item lexical “homem” (7) aparece repetidas vezes e se liga como comônimo — ser humano — com a escolha lexical “mulher” (7) (8). Uma outra rede se inicia com o item lexical “assumir” (7), que forma relação taxonômica de similaridade — sinonímia — com “admitir” (14) e “admite” (15) e (17), como será mostrado na outra parte da análise. A escolha lexical “se entregar” (7) se liga em relação de repetição com “entregar” (8).

Quadro 10 - Escolhas lexicais utilizadas pelas mulheres

Medo
Sentir – Sentimento- sente
(homem) frágil
Amor
Homem – Mulher
Assumir – admitir – admite

Demonstramos a seguir as ligações em rede das escolhas lexicais discutidas acima. As relações taxonômicas foram representadas por linhas horizontais ou verticais, e as de expectativa, por linhas oblíquas. Nos quadros horizontais, as linhas marcam a classificação das relações.

Rede



Passamos agora a demonstrar o *design* da interação do trecho discutido acima, sintetizando no Quadro 11 as escolhas lexicais das mulheres e os modos semióticos utilizados pelos homens na configuração geral do arranjo semiótico.

Quadro 11 - Design geral

Escolhas lexicais das mulheres	Modos semióticos dos homens
Medo (7) – se entregar (7) – sentir frágil (7) (12) – sentimento (7) – amor (7) – assumir (7)	Cochichos, segurar a cabeça com o cotovelo apoiado na mesa
Desligado (13)	Cochichos, olhares de demanda, risos, movimentos na cadeira
Admitir (14) (15) (17) – sente (14) (15)	Cabeça abaixada, sorriso com a mão na frente da boca

O significado potencial que este *design* indica é que os homens ficam mobilizados com as escolhas lexicais das mulheres: eles cochicham frequentemente, acionam olhares de demanda entre si, como se estivessem pedindo aprovação do outro. Um participante segura a cabeça apoiando o cotovelo na mesa, demonstrando preocupação com a situação de interação. Os movimentos que eles fazem na cadeira — movem-se impacientes — indicam inquietação com a discussão. Na análise discursiva, estes pontos serão mais explorados, porque eles tomam a dimensão de estratégias discursivas importantes na construção da(s) masculinidade(s).

Além do *design* geral da interação, é importante demonstrar quais os Participantes envolvidos neste evento. Como Participante Representado aparece a escolha lexical “o homem” (7) que se repete 5 vezes e, de forma elíptica, mais 5 vezes. A escolha lexical “ele” (7) também representa “o homem” (7) e aparece 8 vezes. Contando todas as ocorrências, as escolhas “o homem e ele” aparecem 18 vezes. A escolha lexical “medo” (7) também aparece como Participante Representado uma vez. Como Participantes Interactantes, além das pessoas envolvidas na interação, aparece “eu” (8) (9) duas vezes e, de forma elíptica, uma vez. Neste fragmento, há a predominância de Participantes Representados que, de forma condensada, fazem referência ao “homem” (7). Aqui as mulheres usam uma grande quantidade de Participantes Representados, e o significado potencial que o arranjo semiótico destas escolhas lexicais indica é que o sentido da ação está no outro, fora do contexto interativo em que elas estão. Na próxima parte da análise, este ponto será mais discutido. O Quadro 12 sintetiza os Participantes ativados neste trecho.

Quadro 12 - Escolhas utilizadas pelas mulheres

Participantes Representados	Participantes Interactantes
O homem – 5X (mais 5X de forma elíptica) Ele – 8X Medo	Eu – 2X (mais 1X de forma elíptica)

Nesta terceira e última fase da interação escolhida para ser analisada aqui, os homens começam a argumentar contra as construções das mulheres sobre a identidade masculina, como veremos a seguir. Iniciamos a transcrição no período (16), como demonstrado na segunda parte, na qual os homens respondem em coro “nem todos, nem todos”(16).

Rodrigo e Dimitri ♂ - (16) Nem todos, nem todos

Evelyn ♀ - (17) – Não admite.

Dimitri ♂ - (18) (inaudível) vocês sabem muito bem que nem todos são assim, né mas eu acho que a grande maioria num é assim

Eduardo ♂ - (19) Eu acho que é: ((segurando a cabeça com o cotovelo apoiado na mesa))

[[

Evelyn ♀ – (20) Num sei assi:m que homem é muito desligado

[[

Coordenadora - Só um minutinho?(+) GENTE, vamos tentar falar um de cada vez porque como a gente tá gravando, aí precisa da

Diana ♀ - (21) ((olhando para Eduardo)) (inaudível) você não concordou com a gente, porque você acha que o homem sabe amar?

Eduardo ♂ - (22) Num é que sabe amar, ((olhando para baixo)) ele vai sofrê preconceito dos outros homens ((olhando para Diana))

[

Diana ♀ - (23) Eu num ((gesticula))

[

Eduardo ♂ - (24) O machismo, o homem assim, de cara, chegar na roda de amigo e falá que tá apaixonado os amigo vai falá: você daqui um mês você vai ser chifrudo ((imitando a voz de outra pessoa)) cê é bobo cê é otário ((gesticula para a frente com o dedo em riste, Rodrigo sorri e balança a cabeça de forma afirmativa)) (risos) vai comer na mão da sua namorada num vai poder fazer. (25) É o preconceito também que no meio dos homens ((balança a mão com o polegar em riste para trás)) entre eles mesmo, isto vem desde ó, ((estala os dedos)). (26) O homem sempre quer levar vantagem em tudo mesmo

Neste fragmento, referente aos períodos (17) a (26), observamos a construção semântico-discursiva utilizada pelos homens para representarem a questão proposta na discussão de forma bem diferente da maneira como as mulheres representaram. Isto se evidencia principalmente pelas escolhas lexicais representadas por eles, que se diferenciam radicalmente das escolhas das mulheres.

No início da interação, Dimitri começa a contrapor a argumentação das mulheres, enquanto Eduardo concorda com os pressupostos levantados por elas, posicionando-se de forma reflexiva, o que fica evidenciado quando segura a cabeça e comenta “eu acho que é” (19), em resposta à proposição de que todos os homens têm dificuldade em demonstrar sentimentos. Eduardo retoma a discussão com a escolha lexical “num é que sabe amar” (22) e, logo depois, já fala em “preconceito dos outros homens” (22). A participante Diana tenta tomar o turno várias vezes, até que Eduardo a interrompe e começa a explicar sua lógica. Ao dizer “você daqui um mês vai ser chifrudo, ce é bobo, ce é otário, vai comer na mão da sua namorada, num vai poder fazer” (24) o participante Eduardo usa uma entonação como se estivesse imitando a voz de outra pessoa, balançando o dedo em riste para a frente, como se estivesse falando para alguém. Depois ele aponta o polegar para trás e estala os dedos, dando a sensação

que se refere a algo antigo, do passado. No Quadro 13, sintetizamos os principais modos semióticos utilizados pelos participantes homens.

Quadro 13 - Modos semióticos utilizados pelos homens

Segurar a cabeça
Olhar para baixo
Imitar voz de outra pessoa
Balançar o dedo indicador em riste para a frente
Apontar o polegar para trás (as costas)
Estalar os dedos
Balançar a cabeça de forma afirmativa
Risos

Neste fragmento, períodos (16) a (26), a principal rede lexical inicia-se com a palavra “preconceito” (23), que se liga em relação de classe/subclasse com “machismo” (24), que, por sua vez, se liga em relação de classe/subclasse com “chifrudo” (24). “chifrudo” (24) se liga em relação taxonômica – co-hipônimo – com “bobo” (24) que se liga em relação de sinonímia com “otário” (24). A escolha lexical “otário” (24) se liga em relação de similaridade – antonímia – com a colocação “levar vantagem”(25). Esta ligação é ativada por causa do contexto cultural em que ela ocorre, ou seja, culturalmente falando, quem leva vantagem é esperto — contrário de otário. A escolha lexical “sabe amar” (22) retoma por repetição a mesma escolha lexical das mulheres em (21). A escolha lexical “apaixonado” (24) se liga em relação de sinonímia com “sabe amar” (22). A escolha lexical “roda de amigo” (24) se liga em sinonímia com “amigos” (24). “Todos” (16) se repete em (16) e (18) e se liga em relação de similaridade — classe/subclasse — com “a grande maioria” (18). Curiosamente, ao final do discurso os homens surgem com a escolha lexical “levar vantagem” (26) que se liga em relação de

antonímia com “a desvantagem” (1), retomando, assim, a primeira escolha lexical que inicia a discussão do grupo. No Quadro 14, sintetizamos as escolhas lexicais utilizadas pelos homens. As escolhas lexicais de toda a interação estão representadas na rede a seguir.

Quadro 14 - Escolhas lexicais utilizadas pelos homens

Homem
Preconceito
Machismo
Bobo
Otário
Chifrudo
Levar vantagem
Roda de amigo – os amigos
Apaixonado

Para demonstrar o *design* da interação, sintetizamos no Quadro 15 as escolhas lexicais e os modos semióticos utilizados pelos homens na configuração geral do arranjo semiótico.

Quadro 15 - Design geral da interação

Escolhas lexicais dos homens	Modos semióticos dos homens
Sabe amar (22) – preconceito (22) -	Segura a cabeça com cotovelo apoiado na mesa, olhar para baixo,
Machismo (24) – roda de amigo, amigo (24)	Olhar para baixo
Chifrudo (24) – bobo (24) – otário (24)	Imita voz de outra pessoa, balança polegar em riste para a frente, sorrisos, balançam cabeça concordando
Preconceito (25) -	Balança a mão com o polegar em riste para trás, estala os dedos.

O significado potencial que este *design* indica é que os homens, após passarem pela experiência mobilizadora de escutarem as mulheres, demonstram-se reflexivos — atitude de segurar a cabeça com o cotovelo apoiado na mesa (19) — e por um momento concordam com o que elas disseram, quando um participante afirma “eu acho que é” (19). Aqui o modo semiótico segurar a cabeça com o cotovelo apoiado na mesa toma outra configuração, além da exposta no período (7), onde foi analisado, como demonstração de preocupação. No entanto, uma análise não invalida a outra, e este modo semiótico pode conter as duas comunicações de forma conjugada, como prevêm Kress e Van Leeuwen (2001). Um certo constrangimento ainda persiste no início, com os participantes com olhar baixo.

A partir do momento em que Eduardo toma o turno de Diana (24), ele se utiliza de vários modos semióticos bastante expressivos para comunicar seu argumento. Ele

começa imitando a voz de outra pessoa quando faz uso das escolhas lexicais “chifrudo, bobo, otário” (24). O significado potencial que este recurso semiótico supõe é que Eduardo está repetindo algo que já ouviu anteriormente. Isto sugere que a representação desenhada a partir deste arranjo semiótico vem de um discurso internalizado por ele. O dedo em riste, ao dizer a frase (24), também sugere que tal proposição parece vir com um sentido de obrigatoriedade, uma ordem a ser cumprida. Os outros participantes homens sorriem e balançam a cabeça concordando com ele. Quando Eduardo fala apontando o polegar para trás e, logo após, estala os dedos articulando a escolha lexical “preconceito” (25), ele ativa um significado potencial que sugere algo antigo, do passado. Na realidade, quando exploramos o significado da palavra preconceito, pensamos inevitavelmente em cristalizações que ocorreram no passado.

Estes recursos semióticos combinados, ou seja, imitar a voz de outra pessoa, apontar com o dedo em riste para a frente e para trás e estalar os dedos, indicam que o participante fala de um padrão culturalmente aprendido (a voz de outro, a obrigatoriedade sugerida pelo dedo em riste) e também sugere um padrão histórico (a noção de tempo passado, sugerido pelos gestos do dedo que aponta para trás e dos estalos nos dedos).

Além do *design* geral da interação, é importante demonstrar quais os Participantes envolvidos neste evento. A maioria dos Participantes que aparecem neste fragmento são Participantes Representados. Os homens utilizam como escolhas “todos, a grande maioria, ele, eles, o homem”. “Homem” (20) (21) aparece duas vezes como escolha lexical e 3 vezes de forma elíptica. “Ele” e “eles” (22) (24) aparecem uma vez cada um fazendo referência a “homem”. Computamos, assim, um total de 7 ocorrências para o léxico “homem”. Podemos identificar também como Participantes Representados “os amigos”, “preconceito” e “isto” (todos no período 24). “Isto” (24) aparece função de

recuperar a escolha “preconceito” (24). Neste ponto, é importante salientar que a escolha lexical “você” (24) aparece como Participante Representado 4 vezes na forma textual e duas vezes na forma elíptica. Apesar de se tratar de um pronome pessoal de tratamento, “você” aparece aqui deslocado da sua função lingüística tradicional. A análise deste ponto será mais detalhada na análise discursiva. Como Participantes Interactantes, além das pessoas envolvidas na interação aparecem “eu” (duas vezes, 18 e 23) e “você” (21). O Quadro 16 sintetiza as escolhas de Participantes utilizadas pelos homens.

Quadro 16 - Escolhas de Participantes utilizadas pelos homens

Participantes Representados	Participantes Interactantes
O homem – 2X (mais 3X de forma elíptica) Ele – eles Os amigos Preconceito – isto Você – 4X (mais duas vezes na forma elíptica)	Eu – 2X Você

As escolhas de Participantes utilizadas pelos homens diferem radicalmente das escolhas das mulheres, como vimos no final da segunda parte deste fragmento de análise. De forma geral, no discurso das mulheres aparece várias vezes como Participante Representado “o homem” (7), e “medo” (7) aparece uma vez. Aqui “o homem” ainda aparece como a maior ocorrência, reforçando a forma discursiva das mulheres, ou seja, utilizando, em sua maioria, Participantes Representados. No entanto, é interessante notar que aparecem outras escolhas, tais como “os amigos” e “preconceito” (24) e (25), que reforçam ainda mais o contexto de distanciamento da

ação que já havia sido identificado no discurso das mulheres por causa do maçante uso de Participantes Representados. Aqui, além de Participantes Representados, as escolhas fazem com que a construção discursiva ativada pelos homens se distancie ainda mais do contexto de interação.

Destaque especial deve ser dado à escolha lexical “você” (24), por três motivos básicos: primeiro, pela ocorrência dela no texto — total de 6 ocorrências —, o que pode ser considerado um alto número, dada a localização desta escolha lexical somente em um período; segundo, pelo deslocamento que tal escolha lexical tem nesta construção discursiva, ou seja, trata-se de um pronome pessoal que é utilizado aqui enfaticamente como Participante Representado e, portanto, de forma distanciada da interação; terceiro pelo tom impositivo que esta escolha lexical toma conjugada com o modo semiótico de balançar o dedo polegar apontado para a frente. A seguir, resumimos a rede de Participantes deste fragmento de análise. Os Participantes Representados foram colocados dentro das caixas; os Participantes Interactantes estão soltos no texto. Os Participantes entre parênteses estão na forma elíptica.

Rede de Participantes - Sentimento

1. a desvantagem para alguns
2. (ela)
3. (alguns)
(alguns)
4. os dois
5. a gente eu você
- 6.
7. o homem medo
ele eu
o homem
ele
ele
8. ele
ele
(ele)
(ele)
9. eu
10. eles eu
- 11.
12. o homem
13. o homem
14. o homem
(o homem)
(o homem)
15. ele a coisa
ele
16. todos
todos
17. ele
18. todos a grande maioria eu vocês
19. eu
20. o homem (eu)
21. o homem você
22. (o homem) você
ele
23. eu
24. o homem os amigos você
(o homem) você
você
você
(você)
eles preconceito isto (você)
o homem

As diferentes configurações apresentadas no discurso das mulheres e dos homens analisados aqui, exemplificados pelas diferentes escolhas lexicais e pelos modos semióticos escolhidos para serem conjugados na interação, dizem da forma como a realidade é representada. A partir de agora, exploraremos na análise discursiva como tais arranjos semióticos contribuem para a construção da identidade masculina e quais contextos ideológicos e políticos eles ativam e/ou constroem.

Macroanálise

Análise discursiva

Os discursos descritos aqui serão considerados “discursos sobre envolvimento e entrega” que fazem parte dos discursos sobre a(s) masculinidade(s). Como conhecimentos socialmente construídos, mostram como os homens, diferentemente das mulheres, desenvolvem este tópico, quais representações são ativadas nesta discussão e quais as relações envolvidas nesta prática. A prática discursiva deste fragmento aponta para uma radical diferença na construção discursiva/identitária representada por homens e mulheres. Segundo Kress e Van Leeuwen, “os discursos não só veiculam versões de quem faz o que, onde e quando, mas eles acrescentam avaliações, interpretações e argumentos a estas versões” (2001, p. 15). Os autores comentam que tais argumentos são frequentemente apresentados como senso comum e não são formulados explicitamente. Nesta análise, pretende-se desvendar o jogo de formações discursivas explorando a organização de uma prática sobre a masculinidade.

Se examinarmos as redes lexicais com o objetivo de mapear o que está sendo falado no texto, podemos identificar a existência de uma rede principal que é ativada pelas mulheres a partir da realização complexa “não saber amar”. Seguem-se escolhas

lexicais tais como medo, sentir, sentimento e amor, compondo, assim, os principais pontos de desenvolvimento da rede. O significado potencial com o qual estas escolhas se relacionam refere-se ao mundo interno, ao mundo psíquico, subjetivo dos seres humanos. No momento em que as mulheres começam a discussão sobre sentimento, os homens visivelmente se assustam e segue-se um período em que eles utilizam vários recursos semióticos, demonstrando o impacto que tal discussão causa no grupo. Após as mulheres lançarem no grupo a escolha lexical “não saber amar”, os homens cochicham, sorriem e ativam olhares de demanda entre eles. A produção semiótica neste momento da interação, ou seja, a articulação e interpretação do *design* — os variados recursos semióticos utilizados pelos sujeitos da pesquisa —, indica inquietação e desconforto entre os participantes homens.

Dentre os recursos semióticos freqüentemente utilizados entre os homens podem-se destacar os olhares de demanda e os cochichos,¹⁹ que geram um significado potencial de articulação e busca de aprovação entre os participantes. Tais arranjos semióticos podem ser interpretados como a ativação e a produção de um sistema, que Connell (2005) chama de cumplicidade, discutido no Capítulo 1. Segundo esse autor, esta é uma das principais estratégias utilizadas pelos homens — e também pelas mulheres — para manter a posição da masculinidade hegemônica. Vale lembrar que, como construto absolutamente fictício, a masculinidade hegemônica, que nunca é encontrada de forma pura, é operada principalmente a partir do sistema de cumplicidade. Esta estratégia foi fundamental para que ao final os homens veiculassem o seu sistema de representação de forma bem diferenciada do proposto pelas mulheres.

Além da maior rede lexical que se origina a partir da escolha “não saber amar”, encontramos ao final outra rede, construída pelos homens, que se origina a partir da

¹⁹ O destaque refere-se à regularidade de tal prática pelos homens.

escolha lexical “preconceito”. Esta rede se liga às escolhas lexicais “machismo, chifrudo, bobo, otário e levar vantagem”. Apesar de se tratar da discussão do mesmo tópico, os homens não retomam nenhuma escolha lexical levantada pelas mulheres, criando, assim, uma representação radicalmente diferente. Os arranjos semióticos envolvidos nesta parte indicam grande multiplicidade de significados potenciais, sendo ativados no momento desta interação. Quando o participante imita a voz de outra pessoa dizendo que se um homem disser que está apaixonado os amigos comentarão “daqui um mês vai ser chifrudo, cê é bobo, cê é otário, vai comer na mão da sua namorada, num vai poder fazer”, ele demonstra de forma literal o dialogismo de toda a comunicação humana, ou seja, as várias vozes que estão representadas nas construções discursivas. Neste contexto, esta forma discursiva pode indicar o quão arraigadas estão as tradicionais construções do gênero e, mais especificamente, as preconceituosas construções do gênero.

Além de mudar a voz como se outra pessoa estivesse falando, o participante o faz balançando o dedo em riste para a frente. Estes arranjos semióticos produzem o sentido de obrigatoriedade, e, novamente, aqui podemos perceber que os participantes se identificam com a construção da masculinidade hegemônica fugindo, do que Connell (2005) chama marginalização/subordinação, discutida no Capítulo 1. Para esse autor, a dinâmica entre a masculinidade hegemônica em contraposição à masculinidade marginalizada pode ser considerada como uma moldura, mesmo que provisória para a análise da construção social do gênero. Em outras palavras, para alcançar o padrão hegemônico vale qualquer tipo de sujeição inclusive obedecer cegamente ao que a sociedade manda.

O fato de este mesmo participante usar outros expressivos modos semióticos — balançar a mão com o polegar em riste para trás e estalar os dedos — indica que a

produção de significados ativada por este *design* remete a uma construção herdada, historicamente construída e socialmente reconhecida como uma prática da masculinidade.

A representação articulada pelos homens desloca-se da lógica colocada pelas mulheres e se organiza de acordo com a lógica hegemônica — que representa a lógica masculina —, correspondendo ao que um homem deve representar e de como deve se mostrar no contexto social principalmente em relação a seus sentimentos. Nolasco comenta que:

Há um princípio masculino construído socialmente e a partir do qual os homens tentarão gerenciar seus afetos. Este princípio, base da identidade masculina, segmenta polarizadamente o feminino do masculino, o sexual do afetivo, o trabalho do prazer, tornando os homens divididos... os homens têm acalentado a fantasia de subjugar o mundo a seus caprichos, movendo-se nutridos pela crença na superioridade, princípio pelo qual serão socializados. (1993, p. 98)

Ainda sobre a expressão de afetos Nolasco comenta que a construção da masculinidade na nossa sociedade é organizada de forma tão conservadora que

a ausência de uma linguagem afetiva, a incapacidade para se entregar às demandas do encontro amoroso — e nele poder consumir uma experiência de cumplicidade — são para os homens efeito do tratamento que habitualmente aprenderam a dar a seus afetos. Para eles os afetos surgem como elementos estranhos e inquietantes. (1993, p. 99)

A produção de significados expressa neste fragmento pode demonstrar exatamente este ponto, ou seja, na incapacidade de significar o tópico discutido como sentimento, os homens se afastam desta representação e se aproximam da produção de significados relacionados à racionalização, compondo uma organização técnica do tema sentimento. Nenhuma escolha lexical levantada pelas mulheres é retomada no discurso dos homens, pelo contrário, as escolhas se configuram como uma explicação técnica da questão. Segundo Connell (2005), a racionalização é um tema central da história

cultural moderna, e sua conexão com a construção social do gênero masculino é amplamente aceita.

Além de as redes lexicais e de os arranjos semióticos se relacionarem com a forma como a realidade é representada e de produzirem/reproduzirem efeitos de ideologia, o mapeamento dos Participantes textuais pode revelar um interessante diálogo entre homens e mulheres. A rede de Participantes construída pelas mulheres tem como principal escolha lexical “o homem”. Trata-se de uma escolha de referência genérica, ou seja, representa uma classe: os homens. Como já foi apontado, tem-se um Participante Representado que, de forma indireta, representa uma das classes da interação, os homens. Em contrapartida a rede de Participantes construída pelos homens é muito variada e inclui “o homem”, que, como na rede das mulheres, é um Participante Representado. Inclui também “os amigos, preconceito, isto, você” como Participantes Representados. Estas últimas escolhas excluem os atores sociais alocados no discurso, e mesmo a escolha lexical “você” é utilizada desta forma. O sentido da ação está no outro longínquo: os amigos, o preconceito, isto. “Você”, forma de tratamento usual, participa do discurso como um paradoxo, ou seja, de forma antagônica, é utilizado para se referir a algo remoto e ausente, sendo que sua função lingüística primeira é ser ativado no contexto de encontro, no diálogo direto. Tais escolhas demonstram que o foco da representação está no mundo externo, no mundo público. O distanciamento organizado pelas escolhas de Participantes lembra o modo sartriano, no qual o inferno é o outro.

De forma resumida, o que os homens argumentam na discussão é que as regras logonômicas envolvidas nas interações entre homens, tais como a “roda de amigos”, apontam para a impossibilidade de se nomear o sentimento de apaixonamento — ou paixão — dentro do grupo, com pena de sofrer “preconceito” dos outros homens. O complexo ideológico que aparece neste contexto marca a manutenção da masculinidade

hegemônica no momento em que esta *performance* é tomada como naturalizada, universalizada com toda a sua dinâmica subjacente, ou seja, com seus sistemas de cumplicidade e de diferenciação da masculinidade marginalizada e subordinada.

O fato pelo qual esta discussão foi vivenciada de forma tão mobilizadora pode ser elucidado pela tendência da sociedade moderna que Giddens (2002) chama de reflexividade, como exposto no Capítulo 2. Segundo este autor, tal fenômeno da modernidade tardia compreende a disposição das pessoas de revisão da maioria dos aspectos das atividades sociais. Assim, a vida moderna é carregada de questionamentos sobre tudo o que é estabelecido — ou tido como estabelecido —, mobilizando as pessoas a articularem posições-de-sujeito num complexo sistema de representação e produção da identidade.

A construção discursiva sobre a(s) identidade(s) masculina(s), neste contexto de análise, está organizada em um sistema simbólico que gera posições-de-sujeito masculinas direcionadas para o externo, o campo do social. O caráter performativo de tal conjunto de significados, demonstrado a partir desta construção discursiva, não evidencia alterações dos campos de poder socialmente atribuídos a homens e mulheres já que o trânsito no espaço público, tido como o ponto alto da socialização dos homens, é o foco mantido nesta interação. Além disso, as estratégias utilizadas pelos homens para manterem o construto da masculinidade hegemônica resultam em alinhamentos e arranjos de séries que não flexibilizam poder, pelo contrário, geram efeitos conservadores. As mulheres chamam os homens para se identificarem com o espaço privado, construção reforçada pela socialização delas, quando colocam em discussão o tema sentimento, mas o que se percebe é que eles assumem posições extremamente tradicionais.

Pensando na transposição de tais reflexões para o circuito da cultura (*vide* diagrama do Capítulo 1) tomaremos aqui os conceitos de identidade, representação, produção, regulação e consumo. Podemos identificar que o sistema de representação veiculado pelos homens tem efeitos na produção das identidades culturais masculinas. Tais identidades geram posições-de-sujeito desarticuladas do afeto e do contexto do envolvimento e da entrega. Estas posições são consumidas de várias formas como em uma conversa, uma das interações mais cotidianas de nossa experiência. O circuito da cultura fecha-se quando percebemos como este sistema de produção, representação e consumo das identidades tem efeitos sobre a regulação da vida social, delimitando lugares específicos a homens e mulheres.

Fragmento de análise 2

Paternidade

Neste trecho selecionado para análise, o grupo já havia conversado por cerca de 50 minutos e, como na análise anterior, o discurso dos homens será separado do das mulheres, para mostrar o contraste que eles tomam na interação. Serão mapeadas as escolhas lexicais, os modos semióticos mais relevantes na interação, bem como os Participantes textuais.

Este fragmento foi escolhido para ser analisado devido ao tópico de discussão levantado pelos homens no momento em que as mulheres descreviam a identidade feminina. Nesse momento, as mulheres explicam a produção textual que executaram no grupo e lêem as características que segundo elas estão envolvidas com o “ser mulher”. Elas listam uma série de escolhas lexicais tais como: carinhosa, amorosa, educadora, amiga, bondosa, superprotetora, frágil e sensível. Os homens ficam calados, quietos e

olhando para baixo até que um participante homem toma o turno com uma pergunta.

Neste ponto começamos a transcrição.

Fabiano – (1) Você falô protetora, protetora. (2) Você num acha que o homem também não é protetor do seu filho não? ((homens balançam cabeça concordando))

Diana e Evelyn – (3) Nem todos, nem todos

Evelyn – (4) o homem é mais desligado

[

Rodrigo – (5) Aí eu concordo, agora eu concordo com você. ((balança cabeça afirmativamente))

[

Fabiano – (6) Nem todos

[

Evelyn – (7) Agora a mãe não, a mãe pode ser o que for que ela num (inaudível). (8) Que nem vô dá o exemplo da Sandrinha. ((homens com olhares baixo. Eduardo tem o cotovelo apoiado na mesa enquanto coloca a mão na frente da boca)) (9) Ela usa droga e tudo o mais, mas igual ela falô, enquanto ela tiver viva ela num vai dexá os filho fica ali, entendeu? (10) Então ela pode ser o que for

[

Fabiano – (11) Ela pode ser tudo, mas só que também aqui aí ela num ta dando um bom exemplo pros filhos, né? (12) Porque

[

Evelyn – (13) Num ta dando, mas

[

Fabiano – (14) Porque quando o filho crescê e ela também usa droga ((Eduardo debruça-se totalmente na mesa e esconde a cabeça entre os braços)) que moral que ela vai te pra chega prum filho dela e fala ô meu filho ce num faz ((imita a voz da mãe)) ah, mãe, mas a senhora faz ((imita voz do filho)). (15) Então o que que é, o filho tá ali dentro da casa. (16) O pai e a mãe tá sendo espelho pro filho. (17) aquilo que a mãe e o pai tá fazendo dentro de casa é aquilo que o filho vai fazê. (18) O pai e a mãe é o espelho pro filho. (19) Então esta é minha maneira de pensá.

Neste contexto interativo, Fabiano recupera a escolha lexical “superprotetora”, que havia sido levantada pelas mulheres para descrever a identidade feminina, e começa a discussão perguntando se o homem pode ser considerado “protetor” (1) do seu filho. Novamente os homens demonstram de forma geral um constrangimento na interação com olhares baixos e muito quietos nas cadeiras. Eduardo debruça-se completamente na mesa no período (14), escondendo completamente o rosto entre os braços. Nesse mesmo período, Fabiano utiliza o recurso semiótico de imitar a voz de outra pessoa, simulando o diálogo de uma mãe com o filho. Os modos semióticos mais relevantes podem ser sintetizados de acordo com o Quadro 17.

Quadro 17 - Modos semióticos mais relevantes utilizados pelos homens

Balançar a cabeça concordando
Olhar baixo
Debruçar-se na mesa
Segurar a cabeça com mão na frente da boca
Imitar voz de outra pessoa

Com relação à rede lexical desta interação, verificamos que “protetora” (1) é repetida duas vezes no período (1) e, logo, depois é retomada no período (2), com a escolha lexical “protetor”. A escolha lexical “filho” (2) será o ponto de articulação de todo o discurso que se seguirá. As principais escolhas lexicais que o participante Fabiano articula recuperam “filho” (2) em relação taxonômica de similaridade com

“filho” (11, 14, 15, 18 e 19). Outras escolhas, tais como “mãe” (14), “pai” (17), “pai e mãe” (16, 18 e 19) se ligam em relação taxonômica de composição como co-mônimos, ou seja, estas escolhas são parte de uma família. Outras pequenas redes podem ser identificadas no texto, mas a função delas difere muito da principal rede descrita aqui. Elas são utilizadas na maioria das vezes como recurso coesivo de repetição, mas não para desenvolver um tópico de discussão. Por exemplo, a escolha lexical “nem todos” (3) foi proposta pelas mulheres e retomada pelos homens no período (6) como recurso coesivo, assim como “exemplo” (8) foi demandado pelas mulheres e, no período (11), foi repetido pelos homens meramente como recurso coesivo. As escolhas lexicais “droga” (9), “ela pode ser” (10), também propostas pelas mulheres, são retomadas respectivamente em (14) e (11) pelos homens. A escolha lexical “o homem” (2) é introduzida pelos homens e retomada pelas mulheres em (4). Tais estratégias criam textura no texto além de indicar certa polidez na discussão, ou seja, ao invés de abandonar totalmente a escolha lexical proposta pela pessoa com a qual estou interagindo, há um movimento de retomada daquela escolha para posteriormente introduzir outras escolhas lexicais e construir a representação desejada.

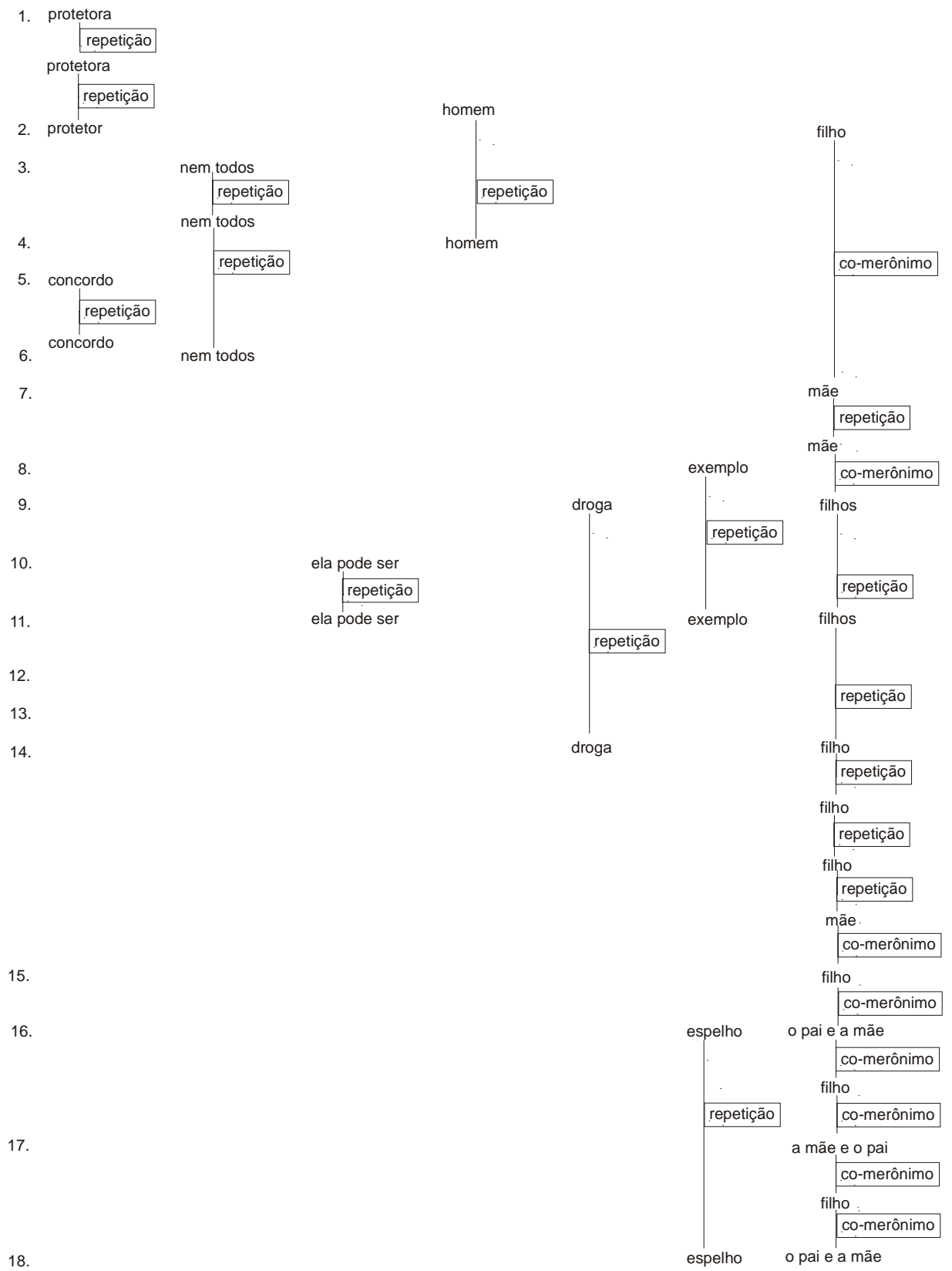
No Quadro 18, sintetizamos o *design* geral da interação, listando as principais escolhas lexicais dos homens conjugadas com os principais recursos semióticos utilizados por eles.

Quadro 18 - *Design* geral da interação

Escolhas lexicais dos homens	Modos semióticos dos homens
Protetor (1), Filho (1), homem (2)	Balançam a cabeça concordando
Filho(14)	Eduardo debruçado na mesa Fabiano imita voz de mãe
Mãe (14)	Fabiano imita voz de filho Olhares baixo dos outros participantes

O significado potencial que este *design* geral indica é que os homens concordam com a articulação que Fabiano faz das escolhas “homem-protetor-filho” (1) e (2), porque balançam enfaticamente a cabeça. Após esse momento, eles ficam quietos — o que é bem diferente da análise da interação anterior, na qual os homens se movimentavam de forma inquieta na cadeira e se olhavam demandando cumplicidade durante quase todo o tempo. Quando Fabiano imita a voz de outra pessoa, simula um diálogo entre uma mãe e o filho. Na análise anterior, tal modo semiótico de imitar a voz de outra pessoa também foi utilizado, mas dentro de um arranjo semiótico bem diferente. Lá o uso deste recurso indicava obrigatoriedade, quase uma imposição de algo quando veio vinculado com o dedo polegar sendo balançado para a frente. Neste contexto, o mesmo recurso semiótico se configura como a imitação de um diálogo, de uma conversa.

Rede Lexical - Paternidade



Além do *design* geral da interação é interessante notar os Participantes Representados e os Participantes Interactantes deste trecho. Como na outra análise, os sujeitos da pesquisa utilizam mais Participantes Representados do que Participantes Interactantes. No discurso das mulheres, encontramos como Participantes Representados as escolhas “o homem” (4), “a mãe” (7), “ela” (9) e “os filhos” (9). Há ocorrência de somente um Participante Interactante textual: “eu” (8), de forma elíptica. No discurso dos homens, há como Participantes Interactantes textuais “você” (1 e 2) “eu” (5 e 6) e “minha” (20). Como Participantes Representados, eles escolhem “o homem” (2), “ela” (11, 12 e 14), “você” (14), “a senhora” (14), “filho” (14, 15 e 18), “o pai” (17) e “o pai e a mãe” (16, 18 e 19). Nos quadros 19 e 20, sintetizamos as escolhas de Participantes homens e mulheres.

Quadro 19 - Escolhas utilizadas pelas mulheres

Participantes Representados	Participantes Interactantes
Homem, mãe, ela (4x), os filhos	Eu (forma elíptica (8))

Quadro 20 - Escolhas utilizadas pelos homens

Participantes Representados	Participantes Interactantes
O homem, ela (4x e 1 forma elíptica (12)), Dela, você, a senhora, filho (3x), pai, o pai e a mãe (3x)	Você (2x), eu (2x e 1 forma elíptica (8)) minha

É interessante notar que, no discurso dos homens, as escolhas lexicais que formam a principal rede composta por “filho” (1), repetido várias vezes, e na seqüência, “mãe” (14), “o pai e a mãe”(16, 18 e 19) e “o pai” (17) correspondem à maior parte dos Participantes Representados utilizados por eles, ou seja, “filho”(14, 15 e 19), “o pai e a mãe” (16, 18 e 19) e “o pai” (17). Tais escolhas de Participantes se referem a categorias específicas que têm função social: pai, mãe, filho. Estes Participantes fazem parte de um todo que é a família, ou seja, eles representam papéis sociais específicos. Na análise do fragmento 1, percebemos que as escolhas de Participantes se relacionavam com a categoria genérica “o homem”, criando distanciamento por causa do contexto de coletivização que tal escolha suscita. Na análise discursiva, este tópico será mais desenvolvido, porque a configuração do discurso sobre masculinidade é ativada aqui de forma bem diferente, se comparada com a análise 1. Contudo, ele não deixa de ser articulado com um sistema especial de representação do mundo e com os contextos ideológicos e políticos, como veremos a seguir.

Rede de Participantes - Paternidade

1.	vc			
2.	vc		o homem	
3.				
4.			o homem	
5.		eu		
		eu		
6.				
7.				a mãe
8.		(eu)		
9.			ela	filhos
			ela	
			ela	
10.			ela	
11.			ela	
			ela	
12.			(ela)	
13.				
14.	vc		ela	filho
			ela	
		a senhora	dela	
15.				filho
16.				o pai e a mãe
17.				a mãe e o pai
18.				o pai e a mãe
19.		minha		

Macroanálise

Análise discursiva

Os discursos descritos aqui serão analisados como “discursos sobre a paternidade” e serão considerados partes integrantes dos discursos sobre a(s) masculinidade(s). O tema da paternidade não está explicitamente desenvolvido neste trecho de análise. Pelo contrário, ele pode ser considerado o pano de fundo desta cena interativa que tem como principais escolhas lexicais e Participantes Representados o filho, o pai e a mãe. Trata-se de um elenco familiar pertencente ao espaço privado, e os discursos que os homens constroem sobre este tópico indicam algumas transformações absolutamente modernas e recentes sobre as identidades de homens e mulheres.

Na sociedade moderna, a vida pessoal tornou-se um projeto aberto, ou seja, as novas demandas e, conseqüentemente, as novas ansiedades resultam no que Giddens chama de “experiências sociais do cotidiano e com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar” (1993, p. 18). Tais mudanças se relacionam com o casamento e com a família e também com a sexualidade, provocando o que (Giddens, 1993) nomeia como transformação da intimidade.

Um dos campos sociais que mais vem sofrendo transformações refere-se à família. Muitas mudanças surgiram das conquistas do movimento das mulheres que alcançaram o mercado de trabalho e controlam a maternidade a partir do advento da pílula anticoncepcional gerando o que Giddens (1993) chama de sexualidade plástica. Este importante tópico de mudança da modernidade resulta na vivência da sexualidade desvinculada da reprodução, gerando novas conjugações afetivo-sexuais. Neste contexto, as pessoas tendem a casar-se mais tarde e a divorciar-se com mais freqüência,

criando muitas transformações no espaço privado, e, por isso, o campo doméstico tem sido palco de muitas negociações com maiores ou menores jogos de poder e indiscutivelmente maior envolvimento dos homens no que se refere à divisão de tarefas e ao cuidado com os filhos.

As expressões populares tais como “o chefe da família” ou “a cabeça do casal” vêm adquirindo, segundo Ridenti (1998), outros significados sociais e, na prática, podemos encontrar cada vez mais homens sozinhos com seus filhos nos cinemas, parques, restaurantes, supermercados, no pediatra ou no dentista. Por isso, parece haver alguma resignificação da paternidade, principalmente se considerados os contextos das camadas médias e com estilo de vida metropolitano (RIDENTI, 1998).

Após uma breve alusão sobre as transformações modernas no contexto da família e o alargamento da posição do homem provedor para a posição de pai, retornamos ao texto analisado para localizar como as escolhas lexicais dos sujeitos da pesquisa fazem referência a esta mudança. Como já explicitado, a principal rede lexical desta interação inicia-se com a escolha lexical “filho” e, em seguida, todo o contexto familiar, ou seja, pai e mãe. É interessante notar que uma das conseqüências da nova configuração familiar moderna diz respeito à centralidade do papel do filho. O foco desloca-se da tradicional configuração pai-provedor como o centro familiar para girar em torno do filho e de suas necessidades. A primeira conseqüência disso parece ser haver mais espaço para que os homens diversifiquem suas funções sociais e, principalmente, tenham oportunidade de exercer a paternidade.

Este fato pode explicar também as escolhas de Participantes textuais serem na sua maioria o filho, o pai e a mãe. São escolhas inclusivas, ou seja, os atores sociais fazem parte das ações textuais. Além do mais são escolhas específicas que identificam indivíduos e categorias: trata-se de atores sociais familiares. Na primeira análise de

fragmento interativo feita nesta pesquisa, identificamos que no tópico de discussão “sentimento” as escolhas de Participantes se configuravam como categorias genéricas, tais como “preconceito” e “você”, sendo este último totalmente deslocado de sua função gramatical tradicional. Neste trecho de análise sobre paternidade, encontramos também a escolha lexical “você” como Participante Representado, mas configurada de forma bem diferente da primeira análise. Aqui, tal escolha toma a cena de uma interação entre mãe e filho. Ela aponta também para o caráter dialógico do discurso e, neste caso, conectada a um arranjo semiótico de entonação de voz que simula um diálogo, uma troca, uma interação.

Com relação ao *design* geral da interação e ao significado potencial que ele apresenta, neste tópico de discussão podemos identificar também bastante diferença quanto à primeira análise. Lá os modos semióticos indicavam inquietude e mobilização emocional; aqui indicam um certo relaxamento, uma soltura nas posições corporais e na entonação da voz. O grupo interage de forma mais harmoniosa e polida. Como já foi levantado na microanálise, as pequenas redes aparentemente desarticuladas na configuração geral das escolhas lexicais exercem a função de retomada de uma escolha lexical deixada pelo Participante Interactante real para, logo depois, ser abandonada e outro tópico de discussão ser introduzido.

As regras logonômicas envolvidas nesta interação apontam para a possibilidade de resignificar o espaço afetivo da masculinidade a partir da paternidade, porque um pai pode ser protetor do seu filho num *status* equiparado ao espaço materno. É importante chamar a atenção para o fato de que, quando o participante coloca tal proposição, ele convida ao diálogo a mãe e o pai — principais escolhas lexicais e Participantes textuais —, ativando o complexo ideológico da família de forma horizontalizada, ou seja, o pai e a mãe são os responsáveis pelo filho e funcionam como espelho para ele.

A construção discursiva sobre a(s) identidade(s) masculina(s) neste contexto de análise gera posições-de-sujeito direcionadas para o interno, o campo doméstico e familiar. O caráter performativo destes significados demonstra arranjos mais flexíveis de poder, na medida em que o espaço doméstico, tido como exclusividade feminina, passa a ser compartilhado por um outro ator afetivo além da mãe, agora o pai. É claro que tal arranjo não modifica completamente o contexto familiar e doméstico no qual tantas outras variáveis estão envolvidas, principalmente no que tange à divisão de trabalho. Contudo, não podemos deixar de observar que, como primeira tendência de mudança masculina, ela também abre espaço para muitas outras que virão nas gerações futuras, pois nas sociedades modernas os homens passam a fazer parte das discussões que incluem a sexualidade, a contracepção e a articulação trabalho/família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do emaranhado de pensamentos e hipóteses que este trabalho suscitou, gostaria, neste momento, de refletir sobre alguns pontos. O primeiro deles diz respeito ao inesperado legado da Linguística Sistêmico Funcional com o qual me deparei emocionada. Perceber a linguagem como um comportamento humano e vislumbrar todo o sistema de funcionalidade no qual ela está embasada é uma descoberta fascinante. Entender que um texto forma um todo unificado — descaradamente plagiando Halliday na bela construção paradoxal dos opostos complementares todo-único — permite acessar um enorme sistema de variáveis, tais como a instanciação dele nos contextos de situação e cultura e o significado potencial gerado a partir destas configurações primeiras.

Como todo-único o texto é palco de muitos discursos e pode ser articulado de muitas maneiras. Aqui, gostaria de comentar sobre o segundo emocionante encontro teórico que esta pesquisa propiciou: a teoria da multimodalidade. Um texto é construído de muitas formas, porque temos disponíveis incontáveis modos semióticos para expressarmos os discursos que queremos comunicar. Tudo deve ser considerado: em um primeiro nível o *design* textual, os modos semióticos; seguindo um pouco mais, o arranjo semiótico, ou seja, o potencial de significado que o texto toma. Este ponto foi muito explorado nas análises, porque, aqui, importava investigar as escolhas lexicais dos sujeitos da pesquisa, de quais recursos semióticos elas aparecem acompanhadas, quais sentidos geram. Como se isto não bastasse, importava também acessar os discursos com os quais tais arranjos semióticos se articulavam. Muitas vezes, vi-me diante do texto como uma amante que, distante do amado, pensa sempre, inevitavelmente o que ele (o texto) quis dizer? Porque disse isto? Poderia ter dito de outra forma? Bem-me-quer, mal-me-quer. Bem-me-quer, mal-me-quer.

Os textos representam visões do mundo, e meu objetivo nesta pesquisa foi buscar as construções do gênero, tarefa com a qual já me vejo envolvida já faz alguns anos. Investigar o gênero, terceiro ponto importante desta pesquisa, supõe indagar sobre o nível do discurso, dos conhecimentos socialmente construídos sobre algum aspecto da realidade — agora plagiando Kress e Van Leeuwen. Trata-se de um nível bastante abstrato e que precisa de molduras para ser pensado. A primeira delas tem a ver com o entendimento do gênero como um fenômeno performativo, ou seja, tem menos a ver com o que sou e muito mais a ver com o que faço. Contaminada com o caráter funcional da linguagem, não posso deixar de notar a escolha lexical do último período: o gênero ter a ver com o que “faço” — processo material que diz, obviamente, da materialidade deste conceito. De um plano abstrato passamos, com a ajuda do conceito de gênero, a um plano materializado. Ele é o responsável primeiro pela organização de nossos corpos, pelas posições-de-sujeito que assumimos no cotidiano, pelos jogos de poder que executamos e aos quais somos submetidos.

Pensando o gênero como um processo, de construção, por um lado, e, por outro, de materialização, passei à investigação de como as pessoas constroem as posições-de-sujeito masculinas. O que significa ser um homem? Lanço esta pergunta a um grupo juntamente com a outra: o que é ser uma mulher? Entendo que um construto só pode vir articulado a outro. Isto é inevitável: não conseguimos pensar de forma polarizada, porque trata-se de um construto relacional. Descobri que masculinidade não é algo que temos, mas algo que fazemos. Masculinidade é uma busca de encaixe como quando montamos um quebra-cabeça... para ser masculino devo me encaixar no padrão hegemônico: luta sempre, vitória sempre, pois o que importa é o poder. Mesmo nenhum ser humano conseguindo vivenciar por completo esta dinâmica porque ninguém vence sempre, a fictícia masculinidade hegemônica é perseguida por todos. Ela é operada por

todos nós homens e mulheres, gays e lésbicas, brancos e negros, pobres e ricos, velhos e jovens, empregado e patrão, amigo e amiga. Trata-se de um construto que organiza nossas posições no mundo, organiza nossas instituições hierárquicas, organiza o sistema de diferença simbólica.

No meu namoro com o texto, encontro dois momentos distintos sobre a masculinidade, ou, sendo politicamente correta, masculinidade(s). No primeiro *round*, um tópico de discussão mobilizador para os homens no qual eles se mantêm distantes e mudam de assunto: não se trata de sentimentos, trata-se da roda de amigos, do preconceito, você já devia saber disto. Neste caso, o alinhamento com a masculinidade hegemônica deixa os homens no próprio cárcere que construíram: longe, lá em cima assistindo a tudo. No segundo *round*, um tópico relacionado à paternidade. Um homem da pesquisa quer ser nomeado com o mesmo adjetivo que as mulheres utilizaram para descreveram o que é ser mulher. Ele quer ser reconhecido como “protetor” do seu filho. Então ele coloca em cena todo o universo privado, pai, mãe, filho. Nesta cena, as escolhas lexicais são Participantes específicos com função social. Saímos do *ring* de luta por alguns minutos, dividimos responsabilidades, procuramos relações horizontalizadas. O espaço da família não está isento dos nefastos efeitos hierárquicos dos lugares de poder. Não é disto que se trata, não é sobre isto que comento, mas sobre um primeiro movimento: vem aqui, vamos conversar?

O caráter político que todas estas reflexões tomam se refere aos lugares demarcados pelo gênero com maiores ou menores negociações do espaço de poder. A linguagem que usamos para representar nossas atitudes, nossas crenças e nossos sonhos é profundamente política. Ela representa nossos sistemas ideológicos e os significados que atribuímos às nossas relações. Os dados desta pesquisa mostram diferentes repertórios sobre a masculinidade e se, por um lado, ainda existe uma resistência às

mudanças buscando sempre o padrão hegemônico; por outro, encontramos abertura para novas configurações de masculinidade(s). Não estamos condenados somente ao uso circular de significados já produzidos e, se encontramos pontos que reafirmam uma imagem tradicional, universalizada e naturalizada da masculinidade, encontramos também um processo de reconstrução desta. Os discursos são múltiplos e coexistem num articulado sistema gerador de realidades.

A modernidade coloca-nos diante de um desafio. Frente a mudanças, descontinuidades e fragmentações, somos chamados a refletir sobre nossas posições no gênero. As maneiras através das quais os modos de representação sobre o gênero são organizados e reorganizados contribuem para a organização e reorganização das subjetividades dos membros de uma cultura. Lanço aqui outro ponto a ser pensado, pois, quando temos acesso a versões variadas de algo, temos a possibilidade de desfamiliarização de significados que foram repetidos e que se tornaram hegemônicos. Neste sentido, as conversas são ricas fontes de transmissão, consumo e interpretação de significados que têm potencial de transformação social. Em um espaço democrático como a conversa, ao acesso de todos, muitos significados podem ser ativados e resignificar posições tradicionais do gênero. Trata-se do estrato da distribuição, o quarto domínio de prática através do qual o significado é organizado, segundo Kress e Van Leeuwen (2001). Nas análises dos dados, explorei 3 outros estratos: *design*, produção e discurso. Aqui, a conversa está no lugar da distribuição de significados. Ela pode ser considerada espaço da busca de uma estilização da vida, uma possível aproximação entre a estética e a ética. Estética como busca e valorização do belo, e ética como o processo através do qual aspiramos a ser o tipo de pessoa que constrói nossa existência com respeito mútuo dentro de um múltiplo contexto cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso: a problemática e definição. In: _____. *Estética da criação verbal*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BONINO, L. *Micromachismos la violència invisible en la pareja*. Jornadas sobre a violência de gênero na sociedade atual. Valencia. 1996. (mimeo.)

BUTLER, J. *Bodies that matter – on the discursive limits of sex*. New York/ London: Routledge, 1993.

_____. *Gender trouble, feminism and the subversion of identity*. London: Routledge, 1990.

CAMERON, D. *et al. Researching language: issues of power and method*. London and New York: Routledge, 1988.

CAMERON, D. *Working with spoken discourse*. London: Sage, 2001.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2nd ed. Los Angeles, California: University of California Press, 2005.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London/New York: Continuum, 1994.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. Longman. London/New York, 1995.

_____. *Discurso e mudança social*. Brasília: EdUnB, 2001.

FIGUEIREDO, D. C. Como ser assertiva e politicamente correta na cama: sexualidade feminina na revista. *THE ESPcialist*, São Paulo, v. 15, n. 1 e 2, p. 121-136, 1995.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *História da sexualidade*. 15. ed. São Paulo: Graal, 1988. v. 1: A vontade de saber.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1979.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. *Representation: cultural representation and signifying practices*. London: Sage, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London/Caugfield East: Edward Arnold, 1995.

_____. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.

_____. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. [s.l]: Deakin University, 1985.

_____. Sociological aspects of semantic change. In: _____. *Language as social Semiotics: the social interpretation of language and meaning*. Australia: Edward Arnold, 1986/1978. Capítulo 3:Victoria.

_____. *An introduction to functional grammar*. London/Caugfield East: Edward Arnold, 2004.

HASAN, R. The texture of a text. In: HALLIDAY, M.K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. [s.l.]: Deakin University, 1985.

HERBELE, V.M. Editoriais de revistas femininas sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso. *THE ESPcialist*, São Paulo, v. 15, n. 1 e 2, p. 137-150, 1995.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social semiotics*. [s.l.]: Polity Press. 1988.

JAWORSKY, A.; COUPLAND, N. Introduction: perspective on discourse analysis In: _____. *The discourse reader*. London/New York: Routledge, 1999.

KRESS, G. *Linguistic processes in sociocultural practice*. London: Arnold publishers, 1989.

KRESS, G.; VAN LEEWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold publishers, 2001.

_____. *Reading images: the grammar of visual design*. London/New York: Routledge, 1996.

KRESS, G.; LEITE-GARCIA, R.; VAN LEEUWEN, T. Discourse Semiotics. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). *Discourse as structure and process*. London/Thousand Oaks/New Delhi: [s.n.], 1998/1997.

LEMKE, J.L. Textual politics: an introduction. In: _____. *Textual politics: discourse and social dynamics*. London, Bristol/USA: Taylor & Francis, 1995.

MATOS, O. A melancholia de Ulisses. In: _____ *Os sentidos da Paixão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p. 141-157.

MENDEZ, L. B. *Micromachismos la violència invisible en la pareja*. Jornadas sobre a violência de gênero na sociedade atual. Valencia, 1996. (mimeo.).

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MORGAN, D.L. *Focus group as qualitative research*. London: Sage, 1997. v. 16.

NOBRE, Renarde F. A modernidade na teoria sociológica: afinidades clássicas. *Teoria e Sociedade*, UFMG, Belo Horizonte, n. 3, jun. 1999.

NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, P. P. Discursos sobre a masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, UFSC, n. 1, 1998.

OSTERMAN, A. C. Bonita de doer: Análise Crítica do Discurso em revistas para meninas adolescentes. *THE ESPcialist*, São Paulo, v. 15, n. 1 e 2, p. 151-162, 1995.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, jul.-dez. 1995.

TAMAYO, Giulia. Género y desarrollo en el marco de los derechos humanos. In: GARCIA, Adela: *Género en la cooperación al desarrollo: una mirada a la desigualdad*. Junta de Comunidad de Castilla – La Mancha: Acsur las Segovias, 2003. p. 6-25.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 5. ed. São Paulo: Vozes, 2000. p. 7-72.

ANEXO 1

CÓDIGOS UTILIZADOS NA TRANSCRIÇÃO DAS CONVERSAS

[[falas simultâneas

[sobreposição de vozes

(+) ou (2.5) pausas cronometradas

(()) comentários do analista

MAIÚSCULA ênfase ou acento forte

:: ou : alongamento da vogal

Fonte: MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática 1988. p. 9-13.